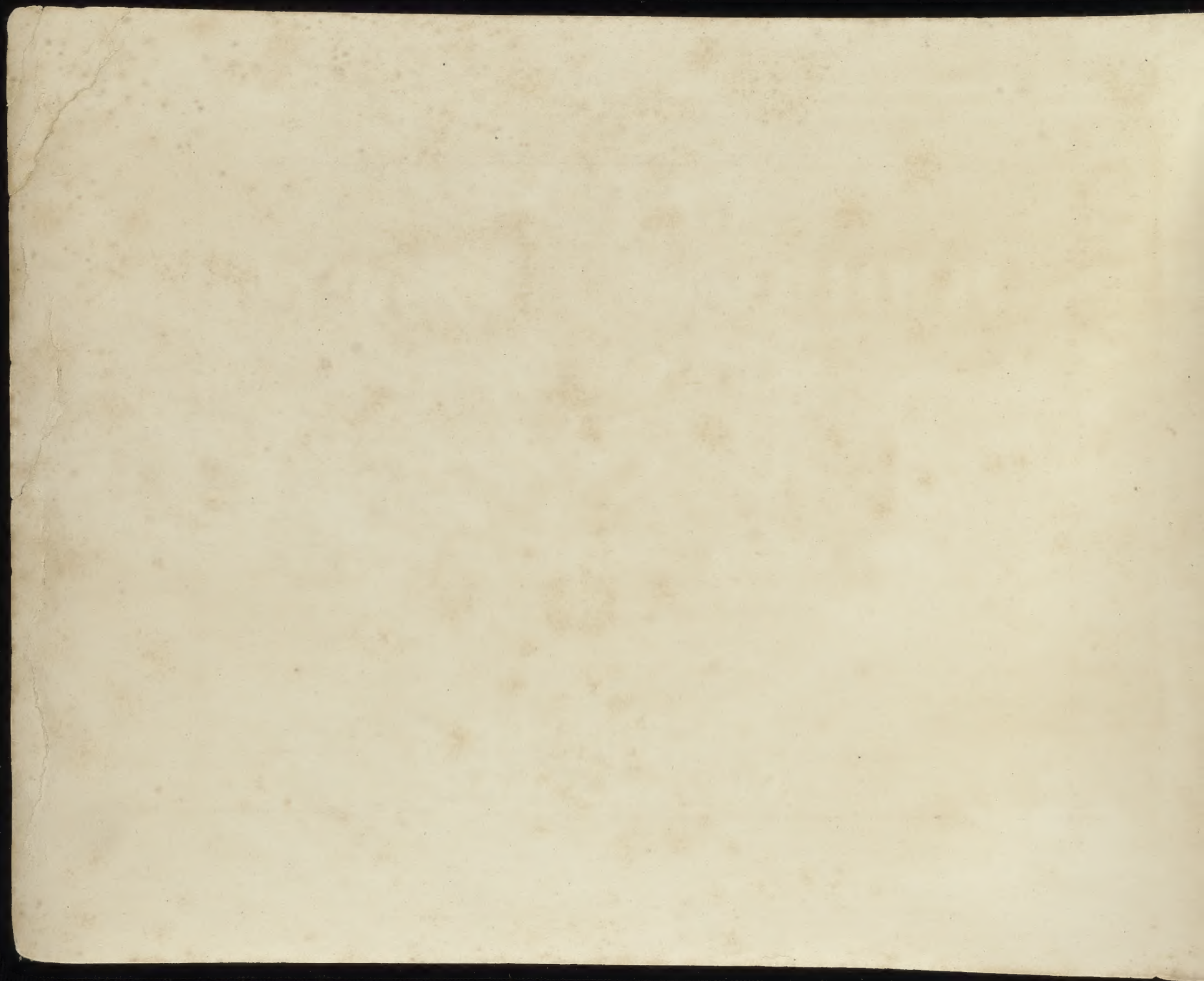
ALBUM
PHOTOGRAPHICO E DESCRIPTIVO

por J. A. da Cunha Moraes

AFRICA OCCIDENTAL

(NOVO REDONDO, BENGUELLA E RIO QUICOMBO)

David Corazzi - Editor
40—Rua da Atalaya, 52—Lisboa

INTRODUCÇÃO

IDÉAS GERAES SOBRE BENGUELLA

Iniciadas as descobertas no continente africano, realisada a descoberta e conquista de Angola, e por ultimo a sua pacificação e completa submissão; os portuguezes, attrahidos pelas noticias das riquezas dos paizes do Sul, levam as suas attenções até Benguella, onde se estabelecem.

Não obstante a parte da costa onde demora Benguella ser pouco conhecida, já n'esse tempo era frequentada por alguns navios nacionaes e estrangeiros que alli iam buscar mantimentos e fazer aguada.

Paulo Dias de Novaes, governador geral de Angola, manda seu sobrinho proceder á occupação de Benguella e levantar uma fortaleza ao fundo da bahia, a qual ficou guarnecida com setenta praças destacadas de Loanda. Não foi, porém, demorada essa occupação, porque o gentio apanhando a guarnição desprevenida ataca-a e extermina-a na sua quasi totalidade.

Chegada á metropole a noticia de tão grande desastre, a regente D. Catharina, avó de D. Sebastião, resolve mandar Manuel Cerveira Pereira, governador de Angola, com ordem de conquis-

tar Benguella e lançar ahi os fundamentos a uma povoação. Cerveira Pereira parte para Loanda e d'ahi para Benguella, a 11 de abril de 1619, com cinco navios e material para edificar a futura cidade.

Depois de varios desembarques para escolher o logar apropriado para a sua fundação, resolveu-se definitivamente pela bahia de Santo Antonio ou bahia das Vaccas, nome por que era mais conhecida, bahia muito espaçosa mas tambem muito desabrigada.

Operado o desembarque e escolhido o melhor ponto ao fundo da bahia, começou a levantar a povoação, tendo previamente construido muros de abrigo e defeza, para evitar um novo ataque por parte do gentio, que apesar de ser pouco numeroso n'aquelles arredores, era comtudo bellicoso e temivel.

Estabelecidos no novo territorio os portuguezes, começam a travar relações com os sobas visinhos; porém, tendo estes morto alguns escravos e pretos submettidos ao dominio portuguez, Cerveira marcha com alguma tropa contra elles e os desbarata facilmente. Este facto e demonstração de força attrahe para junto da povoação um grande numero de pretos aventureiros e nomadas, d'esses que edificam os seus quilombos (aldeias) em qualquer ponto e que vivem da rapinagem. Alli estabelecidos e affeiçoados aos portuguezes, offerecem-lhes os seus serviços, que foram acceites com prévia prestação de homenagem.

Mais tarde, porém, revoltaram-se, alliando-se com os sobas descontentes; todavia, tanto uns como outros, foram derrotados depois de varios combates, dando estes em resultado a sua immediata submissão e vassallagem.

Uma das causas, que mais influiu no animo portuguez para a occupação e conquista de Benguella, foi a exploração das suas minas, pois que n'estas regiões existiam importantes jazigos de minerio. Todavia só em 1620, depois de terminada a guerra com o gentio e da volta do governador a Benguella com gente nova, se procura levar a effeito a desejada exploração, que por desleixo ou falta de recursos se tornou improductiva, por isso que não passou de tentativas.

Manuel Cerveira, constando-lhe que havia uma importante mina de cobre no interior, tenta fazer a passagem para alli; não o conseguindo, porém, pela opposição que lhe fazia o gentio. Em vista d'isto embarcou com a gente destinada á exploração, indo fundiar ao norte, na foz do rio Cuvo. Alli desembarcado e acompanhado de bons guias, dirigiu-se á mina d'onde extrahiu alguns quintaes de minerio de cobre; voltando de novo para Benguella, nunca mais pensou em novas explorações, e bem assim os que lhe succederam.

O chefe do districto de Benguella é actualmente um governador subalterno, nomeado pela metropole, o qual reside na cidade de S. Filippe de Benguella. O districto divide-se nos seguintes concelhos: Dombe Grande e Pequeno, Egito, Novo Redondo, Catumbella, Quillengues e Caconda, com chefes nomeados pelo governador geral de Angola, a auctoridade superior da provincia.

O solo em geral é muito fertil, especialmente em cereaes, que exporta, abastecendo toda a provincia, e bem assim abunda em arvores de fructa indigena, taes como mangueiras, cajueiros, tamarindeiros, larangeiras, bananeiras, etc., alem de outras da Europa que produzem perfeitamente.

O reino animal é variadissimo. Nas mattas e florestas encontram-se elephantes, abbadas, leões,

onças, zebras, bufalos, galengues e palancas *(antilopes),* quimalancas *(hyenas),* ubungos *(lobos), cabras do matto, onças, veados, etc.; nos campos muitos bois e vaccas, cabras domesticas, porcos, gallinhas, patos e grande quantidade de aves, como pelicanos, garças, flamengos, gangas, perdizes, rolas, gallinholas, mergulhões, maracachões, viuvas, bengallinhas, bicos de lacre, etc. O mar proximo da costa é povoado de linguados, tainhas, pargos, barbudos, sardinhas, curvinas, pungos, lagostas e muitos mariscos.*

Não obstante as continuas guerras, o commercio foi-se desenvolvendo, e com elle o estabelecimento de povoações tanto no interior como ao longo da costa; de sorte que actualmente é um dos districtos mais povoados e mais agricolas da provincia angolense. O seu commercio, tanto interno como externo, é importante, e os principaes artigos que exporta são: borracha, cera, marfim, ursella, algodão, coconote, azeite de palma e coiros.

BENGUELLA

A cidade de S. Filippe de Benguella, capital do districto e séde do governo de Benguella, está situada junto da bahia de Santo Antonio, antigamente bahia das Vaccas, em 12° 34′ Lat. Sul e 13° 22′ Long. Este de Greenwich.

O aspecto geral da cidade é feio e monotono, em virtude do isolamento das habitações e da irregularidade nas suas construcções, que, no geral, são baixas, posto que espaçosas e cercadas de extensos quintaes. A disposição das casas e as ruas largas que se cruzam em differentes direcções, dão á cidade uma área bastante consideravel e concorrem para melhorar as suas condições hygienicas, porque obstam á accumulação de casas e de individuos, sempre prejudicial em climas excessivamente quentes ou regiões pouco ventiladas.

A cidade, edificada á entrada da vasta planicie que parte da bahia para o interior, n'uma extensão de vinte a trinta milhas, foi sempre considerada como um dos logares mais insalubres da costa. Hoje, devido ao esgoto de alguns pantanos dos arredores, e principalmente á menor accumulação de gentio, que dá preferencia á Catumbella, está em regulares condições de salubridade.

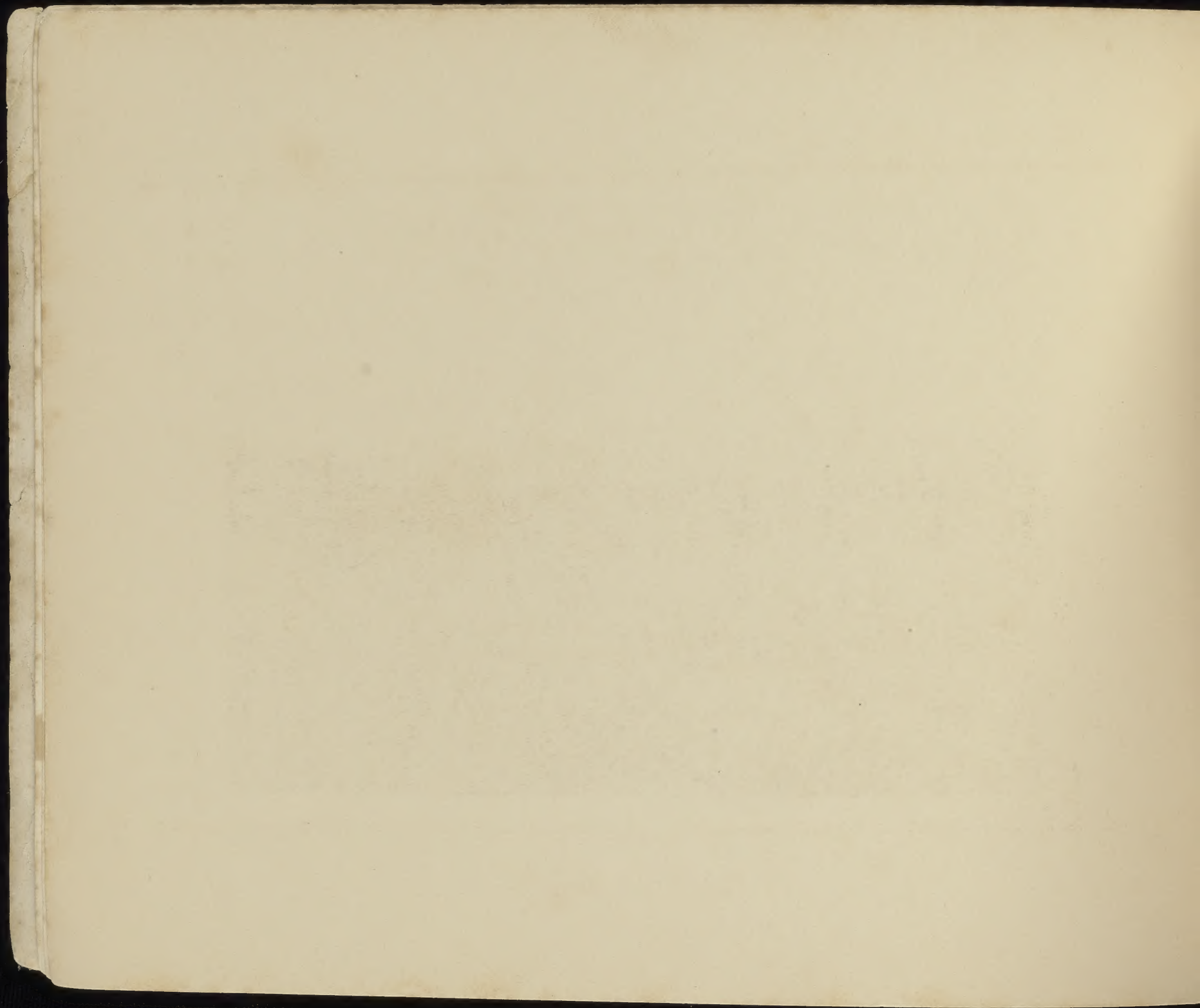
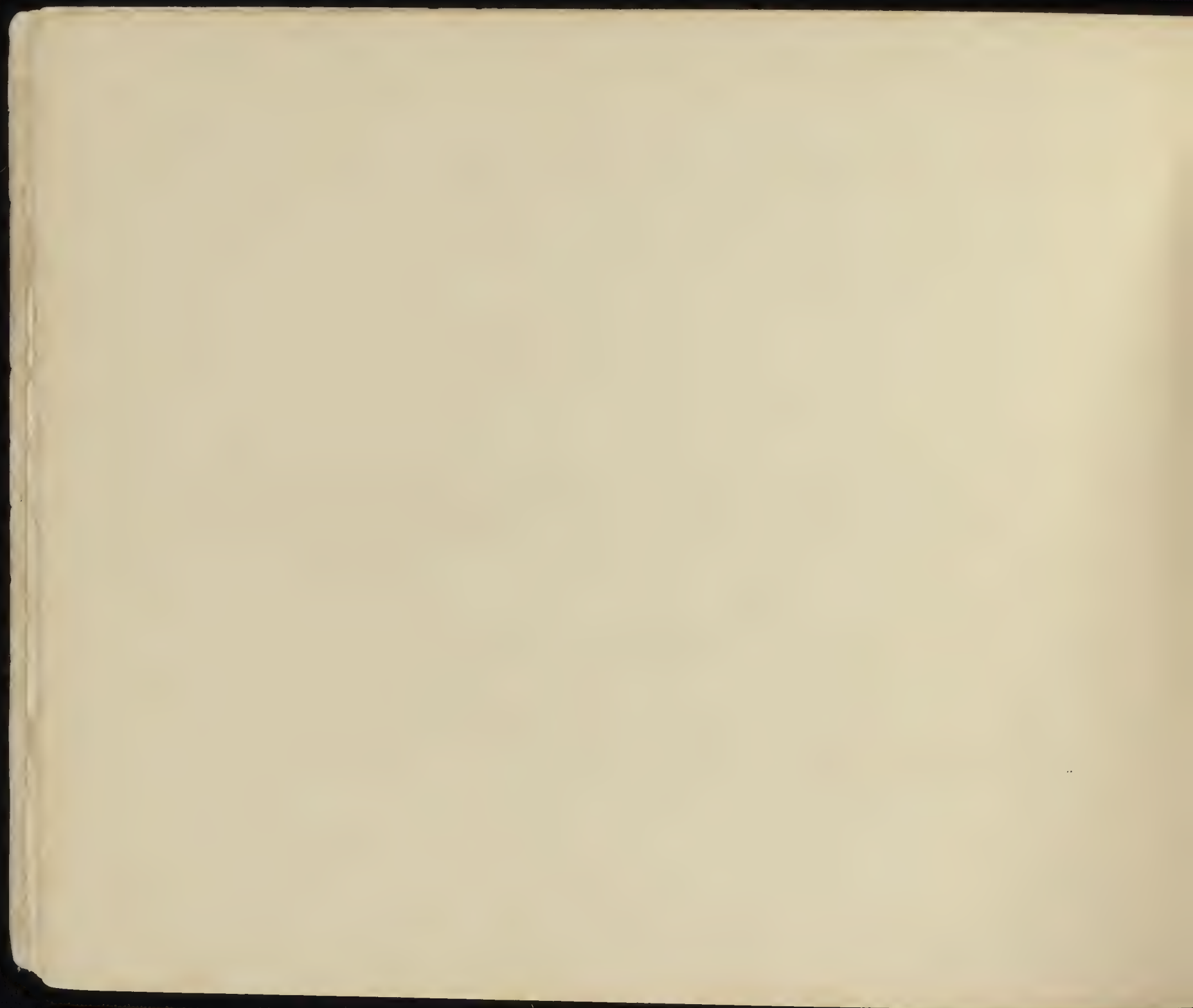
As casas, á excepção de alguns edificios publicos ou de particulares abastados, são construidas de adobes (tijolo crú) e depois caiadas.

A cidade de Benguella, bastante commercial, é por assim dizer, depois de Loanda, o principal centro do movimento da costa occidental, não só por causa do desenvolvimento das suas producções agricolas nas fazendas do interior, mas tambem pelos generos importantes que alli conduz para serem exportados para a Europa.

É ponto de escala para grande numero de navios de véla e vapores.

A bahia de Santo Antonio, que lhe serve de porto, é bastante desabrigada; todavia offerece um bom ancoradouro, porque é limpa de baixios ou pedras sempre nocivas ás embarcações que demandam qualquer porto. Termina ao sudoeste por um morro pouco elevado denominado *Sombreiro,* cujo cume coberto de uma moita de arvores tem umas vagas parecenças com um barrete de clerigo. Esta semelhança, assás pittoresca e caprichosa, é producto da imaginação indigena que em similhanças é bastante fertil e expressiva. A vida em Benguella é barata, sendo talvez a povoação de Angola onde o europeu póde viver mais economicamente. Não é tão rica de peixe como Loanda, mas em compensação tem mais abundancia de carne, que é baratissima.

O gentio dos arredores, e especialmente de Dombe, é o fornecedor da cidade na parte que diz respeito a legumes e outros productos indigenas utilisados na alimentação do europeu. Nos mercados apparecem sempre grandes quantidades de ovos, gallinhas, algumas perdizes, rolas, etc., que, são muito apreciadas pelos europeus.

CIDADE DE BENGUELLA

CIDADE DE BENGUELLA

BENGUELLA

A cidade de Benguella possue alguns edificios dignos de menção, sendo, entre outros, a Alfandega, construcção moderna com bons armazens, os quaes, posto sejam pequenos, são sufficientes para o movimento commercial da cidade, por isso que os negociantes possuem casas espaçosas e não demoram as suas fazendas nos armazens da alfandega. Junto a esta ha uma ponte caes, de ferro, com guindaste para carga e descarga das mercadorias, e alguns vagons que sobre rails conduzem estas do caes para os armazens da alfandega.

A fortaleza, que foi construida de taipa e adobe em 1664 junto á praia, foi destruida; sendo mais tarde, porém, reedificada e augmentada varias vezes, está hoje melhorada com duas baterias com capacidade para quarenta peças. A sua artilheria, que é antiga, está quasi toda inutilisada, e apenas serve para dar as salvas do estylo á chegada e partida dos governadores. Dentro dos muros da fortaleza estão o quartel, paiol, calabouço, etc., tudo construido de pedra miuda e barro, e em mau estado de conservação. A egreja dedicada a Nossa Senhora de Populo é de pedra e tem uma torre bastante alta. Foi do cimo d'ella que foram tiradas as photographias geraes da cidade. A egreja está bem conservada e tem um aspecto modesto; é pobre em paramentos e alfaias. O parocho accumula as funcções de professor de instrucção primaria.

O hospital é um grande edificio estreito e comprido, de um só pavimento, um pouco elevado acima do solo. Dão-lhe accesso varias escadas de pedra exteriores. Tem um facultativo de primeira classe, um pharmaceutico, enfermeiro, etc. O movimento de doentes é pequeno, n'elle só são tratados os soldados, os degredados e pretos pobres, porque os remediados e todos os europeus se tratam em suas casas.

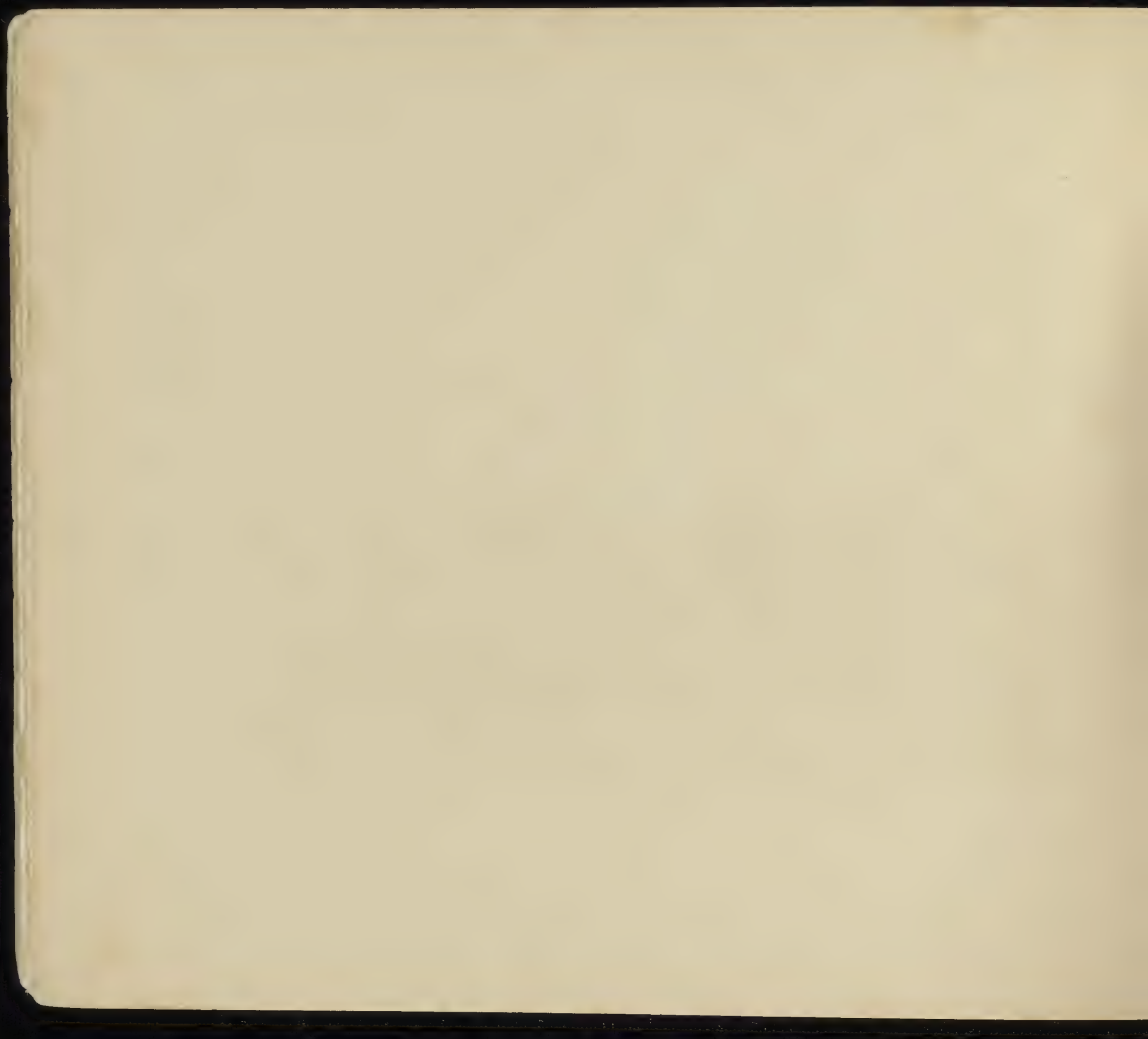
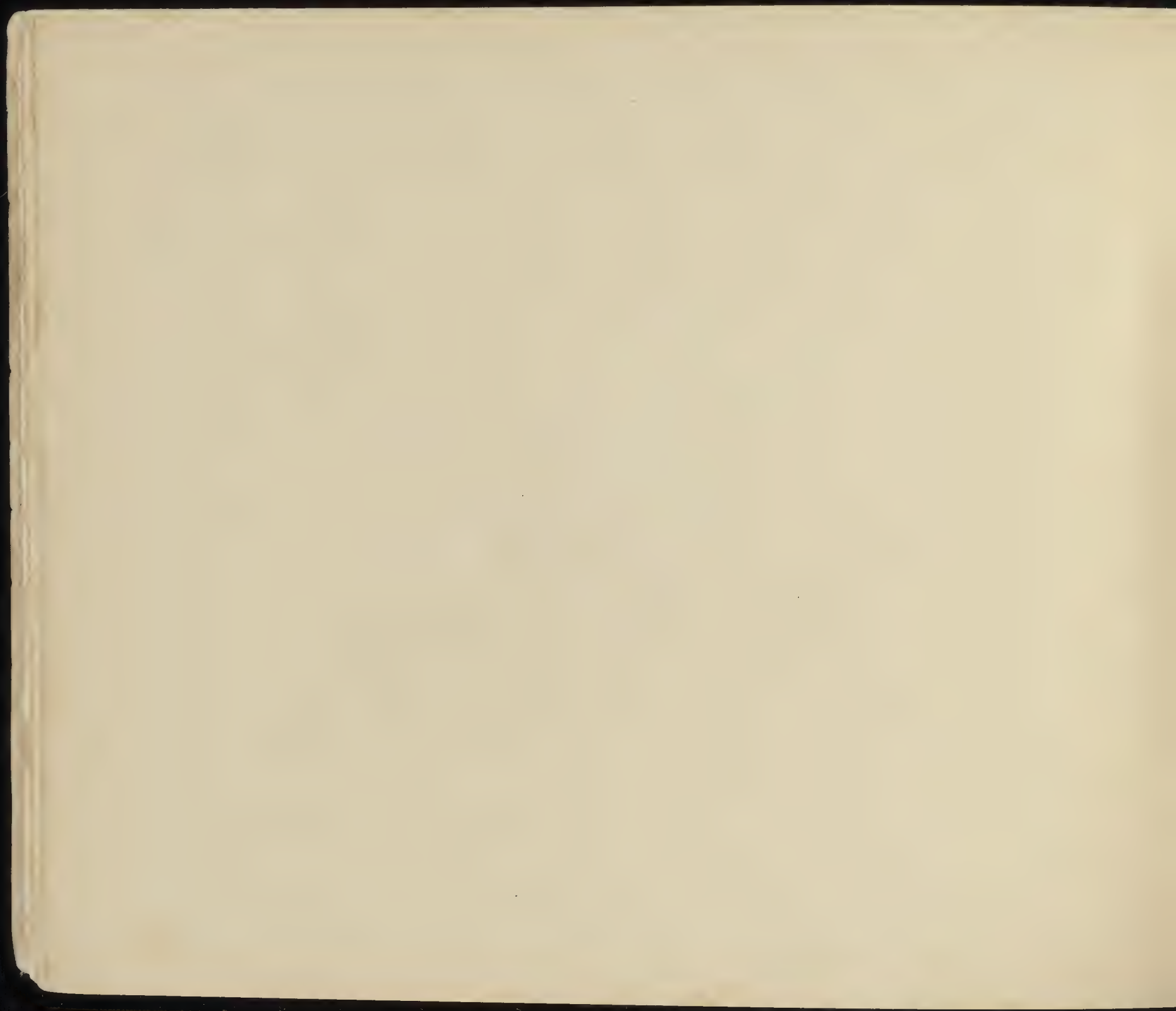
O palacio, situado junto á praia, é um pequeno edificio acanhado e sem commodidades, meio encoberto por um bosque de coqueiros.

Ao centro da cidade ha um largo ajardinado, com arvores, que dão uma sombra aprazivel, com flores pouco variadas e um lago ao centro. É o ponto de reunião, aos domingos á noite, dos habitantes que ali vão descançar das fadigas da semana e distrahirem-se, ouvindo algumas peças de musica meio estropiadas pela banda regimental.

O cemiterio, n'um dos extremos da cidade, é pequeno mas ajardinado. Tem uma capella e alguns mausoléos de pouco valor.

***

As tres primeiras photographias d'esta terceira parte do album, dão bem a idéa do aspecto geral da cidade; a quarta representa-nos um grupo de mulheres e homens do Dombe expondo os seus generos á venda, com o producto dos quaes vão depois ás lojas comprar aguardente ou pannos para se cobrirem e bijouterias para se enfeitarem. É o gosto predominante do indigena que sacrifica os seus magros cobres á compra de umas manilhas ou argolas, ou de um panno de côres garridas.

CIDADE DE BENGUELLA

VENDEDEIRAS DO DOMBE

RUAS DE BENGUELLA

A situação da cidade e o plano em que ella assenta presta-se admiravelmente aos aformoseamentos que as cidades das nossas possessões africanas reclamam para distracção e conforto das suas populações; além de que, a exuberante vegetação que quasi todas ellas possuem, facilitaria os melhoramentos agradaveis á vista e beneficos para a saude publica, tornando-se um estimulo para o estabelecimento de successivas colonias e, portanto, para os progressos das nossas possessões ultramarinas.

Todas as nações tratam de melhorar as suas colonias; por isso ellas progridem e as suas populações augmentam constantemente, resultando d'ahi o desenvolvimento do commercio e das industrias provenientes da diversidade das aptidões dos individuos de diversas procedencias que vão a esses novos logares exercer a sua actividade, empregando-se nos misteres em que foram educados nos meios de onde sahiram.

As ruas de Benguella são, como já dissemos, muito largas, extensas e pela maior parte arborisadas, o que é de grande commodidade para se poder transitar por ellas á hora de calor.

As duas principaes são: a rua Direita, perpendicular á praia e n'uma extensão superior a uma milha,

principiando ao lado da alfandega e seguindo em linha quasi recta até ao largo de S. Filippe, onde começa a rua da Quitanda, representada na photographia e que segue parallela á praia.

As ruas ás horas de calor estão quasi desertas; apenas se vêem alguns pretos encarregados de levar uma carta, um objecto qualquer, ou uma machilla, especie de cadeira sem pés, comprida e suspensa por cordas de bordão, tendo superiormente um toldo com cortinas á volta para resguardar dos raios do sol, e que dois pretos carregam aos hombros conduzindo n'ella um europeu.

O viver ordinario da população é apparentemente socegado, por quanto o movimento nas ruas é pouco apreciavel. Todavia, dias ha, em que tudo se transforma e redobra de vida e actividade. Esses dias são os de negocios importantes ou os que antecedem a chegada ou partida dos paquetes. N'essa occasião o aspecto muda completamente. Vê-se uma grande animação, pretos e brancos em movimento e trabalhando, conduzindo uns, generos promptos a embarcar, outros, dando ordens desde o amanhecer ao pôr do sol. Passados, porém, tres ou quatro dias, tudo volta ao antigo socego e entra a população na sua vida normal, livre e despreoccupada d'essas miserias que tanto abundam nos centros civilisados. Todos vivem como podem e todos se auxiliam. É o caracter geral das nossas colonias

RUA DIREITA
BENGUELLA

RUA DA QUITANDA
BENGUELLA

CHEGADA E PARTIDA DE UMA QUIBUCA

Os pretos do interior que se dirigem ao litoral com borracha, cera, azeite ou qualquer outro producto, reunem-se sempre em *Quibucas* (caravanas) para assim poderem atravessar o sertão com mais confiança e sem tanto risco de serem assaltados e roubados pelo gentio, cujas terras têem de atravessar.

Feitos os seus *mutêtes,* dentro dos quaes põem os *quitos* com azeite, a borracha em bolas ou em bocados e a cera em pequenos pães envolvidos em folha de bananeira, põem-se a caminho.

Uma esteira, á qual os mais abastados juntam tambem uma pelle de onça ou de cabra, lhes serve de cama estendida no chão em qualquer parte onde acampam; uma panella de barro para fazerem o *infundi* (massa de farinha fina de mandioca ou milho) e uma cabaça para a agua, são os utensilios indispensaveis para seguir viagem.

Quasi todos possuem tambem espingardas de pederneira, que lhes servem de defeza ou para a caça, quando se lhes apresenta occasião propicia.

As *quibucas* fazem pequenas marchas de manhã e á tarde, gastando por esse motivo muito tempo para chegarem ao local a que se destinam.

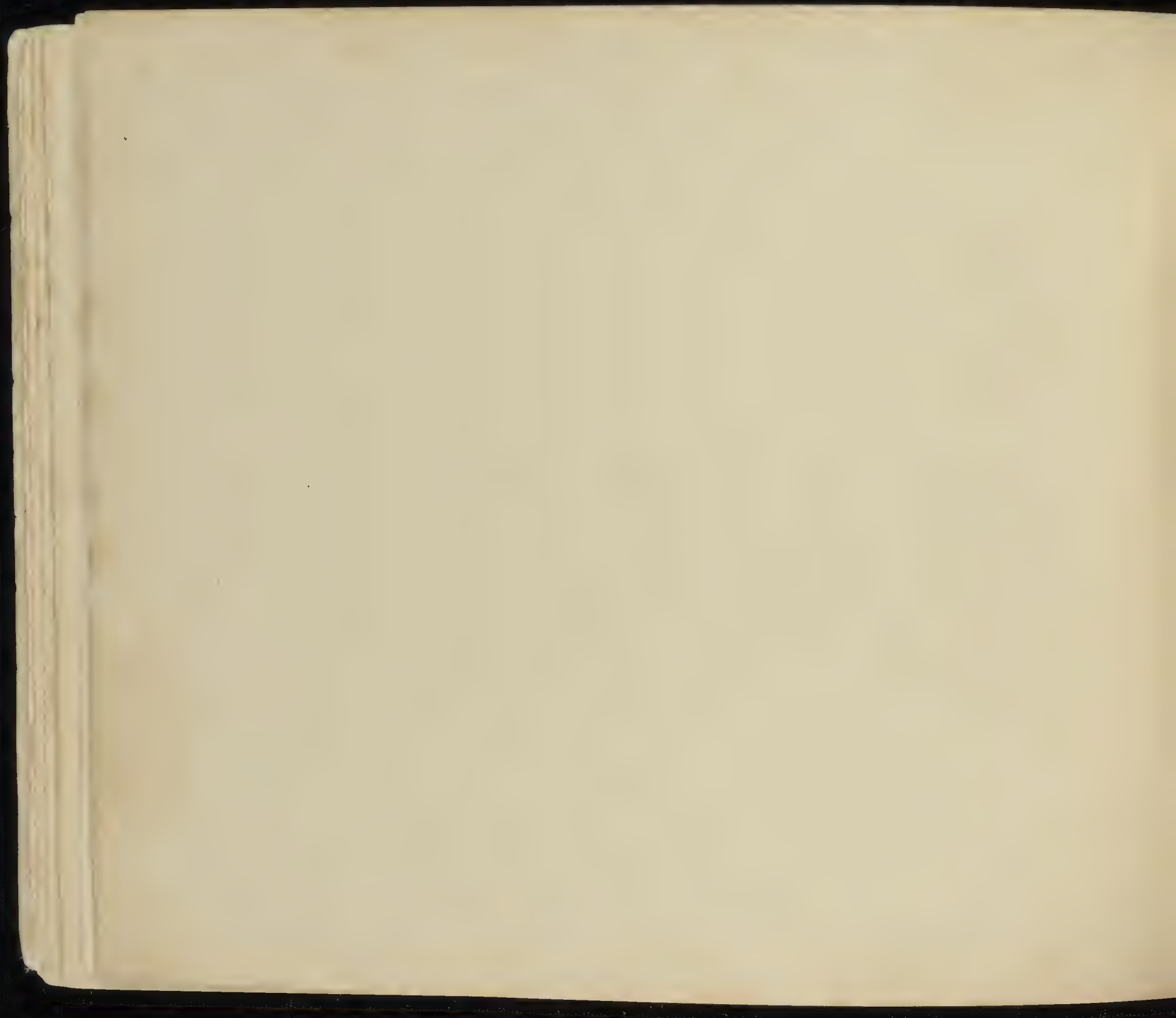
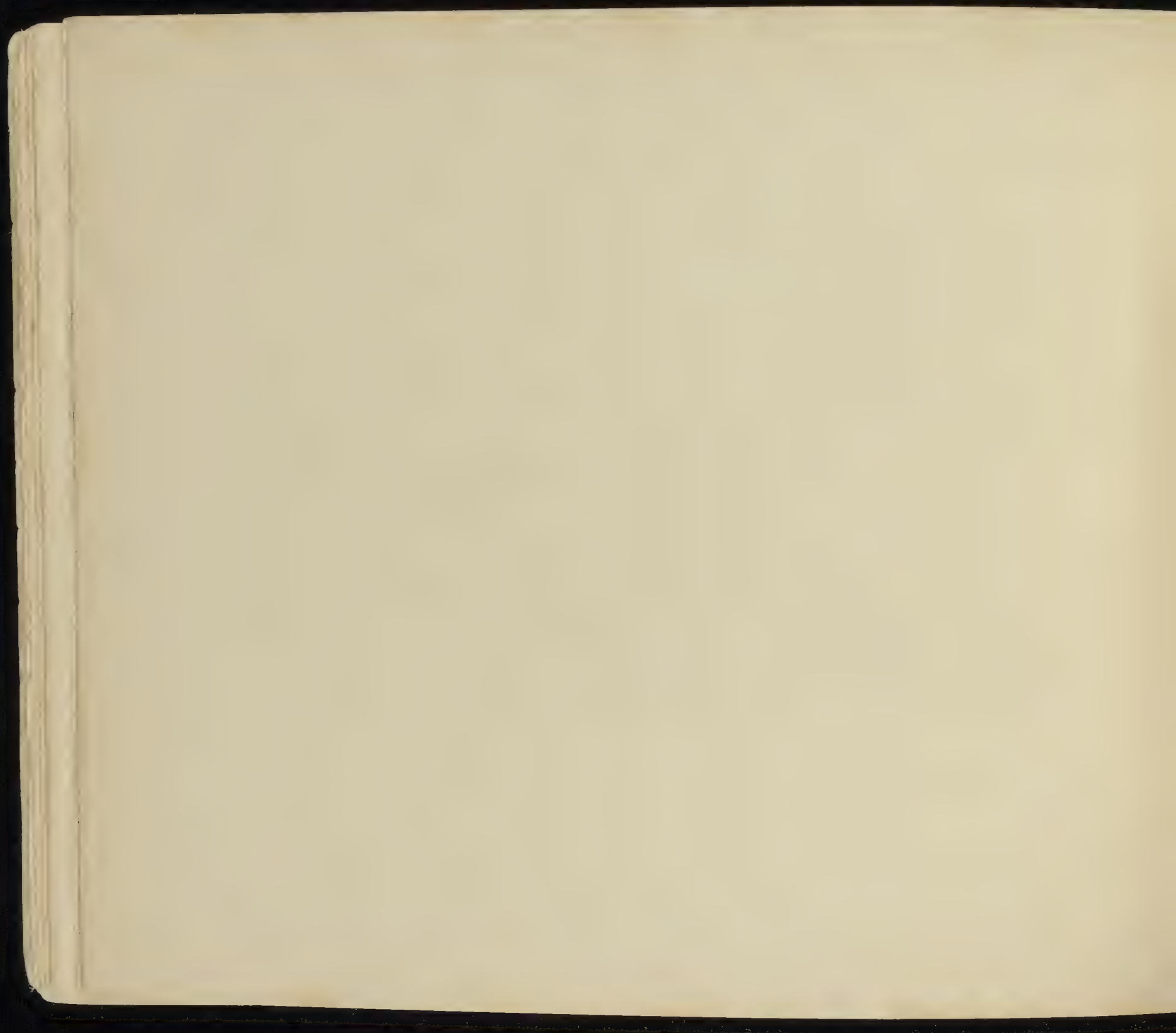
Os pretos, indolentes por natureza, não dão valor algum ao tempo, comtanto que vão arranjando alguma caça, fructos e raizes com que se alimentem; pouco se importam que as viagens sejam lon-

gas. Contentam-se com pouco e só são exigentes quando têem que viajar por conta dos negociantes: então tudo lhes parece pouco. Capazes de andarem oito dias para obterem alguma *macuta* a mais (50 réis moeda fraca) n'uma carga, pedem um preço exorbitante se tiverem de fazer a mesma viagem por conta do branco.

A photographia respectiva foi tirada n'um alto proximo de Catumbella, onde acampam todas as *quibucas* para esperarem pelos retardatarios e entrarem todos reunidos na povoação a fim de dirigirem-se em seguida e directamente á casa do negociante conhecido ou a quem vão recommendados pelos engajadores.

*
* *

O primeiro dia é de descanço. Depois, um ou dois dias lhes bastam para fazerem as transacções; mais um dia de descanço e elles ahi partem de novo com as fazendas que receberam em troca dos seus productos. Vestidos com pannos novos, camisolas e chapéos, levando á frente bandeiras que arranjam de lenços, põem-se a caminho no meio de grande gritaria e algazarra, cantando e tocando uns instrumentos asperos e desafinados. Tal animação e alegria é produzida pelos ultimos copos de aguardente, que lhes foram distribuidos na occasião da partida para conservarem boa recordação do tratamento que receberam do negociante com quem effectuaram o seu negocio É este um costume habilmente aproveitado pelos negociantes conhecedores da indole do gentio, que muito se agrada d'esta especie de gratificação.

CHEGADA D'UMA QUIBUCA

PARTIDA D'UMA QUIBUCA

CONCELHO DO DOMBE

O Dombe, a umas trinta milhas distantes de Benguella, occupa um fertil valle de quatro a seis milhas de largura, completamente coberto de vegetação, o qual é atravessado a todo o seu comprimento pelo rio S. Francisco ou Capororo que, seguindo em curvas tortuosas, entra o mar na pequena bahia do Cuio.

O viajante, que parte de Benguella em direcção ao Dombe, atravessa para lá chegar uma região na maior parte despovoada, seguindo um caminho pouco accidentado que se vae elevando grudualmente a pequena distancia de Benguella, onde attinge uma altura média de cem metros. Quasi a meio caminho descança-se na Quipupa, nascente de agua ferruginosa.

Esta região intermedia é frequentada durante a noite por pantheras *(engues)*, hyenas *(quimatancas)*, lobos *(ubungos)* e algumas vezes pelo leão *(hójes)*, cujos rugidos fazem estremecer o viajante que pela primeira vez os ouve.

O concelho do Dombe estende-se ao sul e sudoeste de Benguella, e é muito povoado para o interior. O terreno sobre que assenta, pouco accidentado, eleva-se gradualmente até Quillengues, formando assim um dos socalcos da elevada serra que fórma o planalto do interior da Africa.

No Valle de Dombe, residencia do chefe do concelho, ha uma pequena fortaleza construida de adobes, como quasi todas as fortalezas do interior, com algumas peças que actualmente só servem

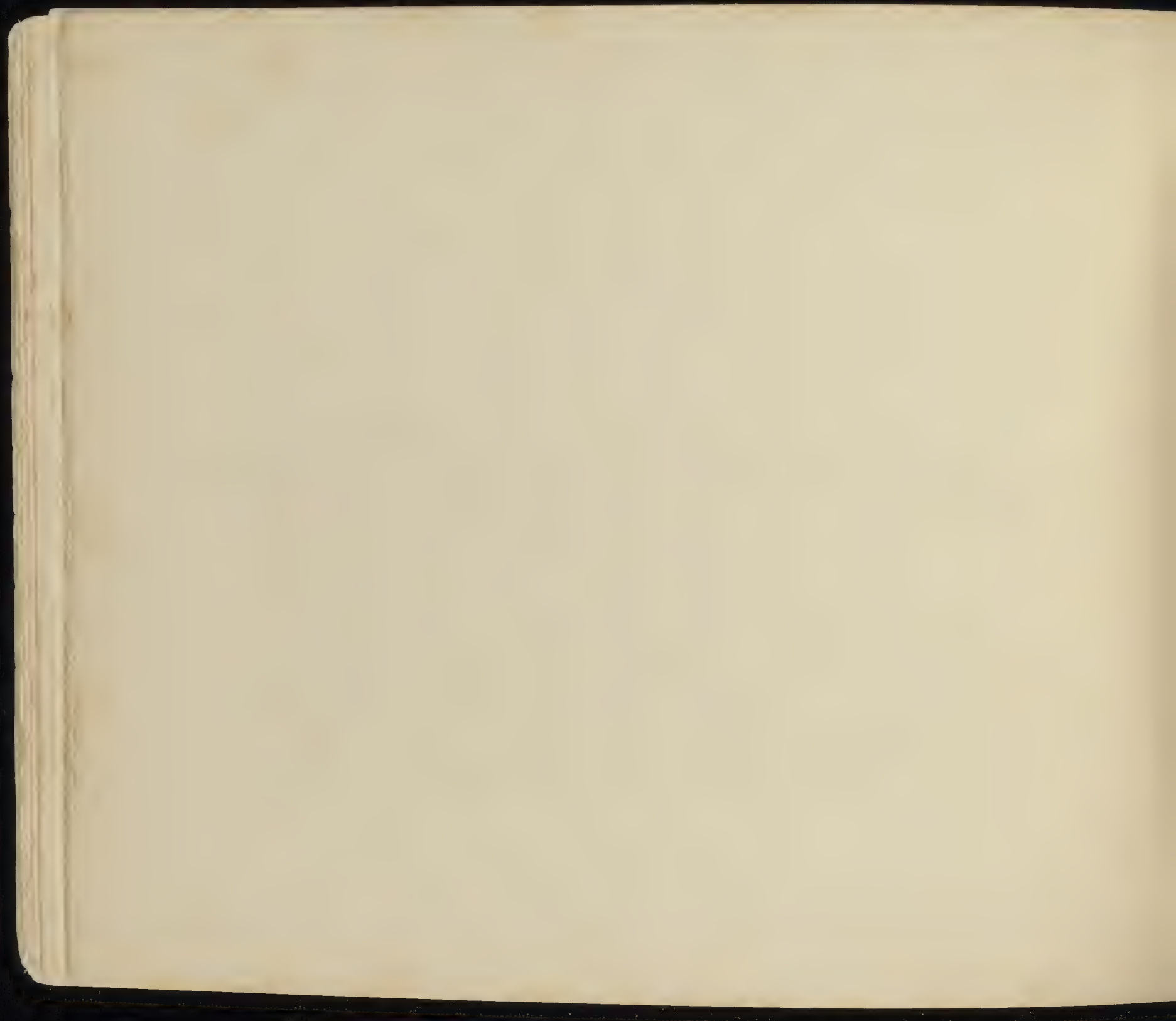
para assustar o gentio; um paiol e um quartel onde vive um pequeno destacamento mandado de Benguella. Meia duzia de casas dispersas em volta da fortaleza formam uma povoação sem importancia.

Os habitantes de Dombe não têem genio commercial. Dedicam-se á agricultura; cultivam o milho, a mandioca que reduzem a farinha, o feijão, etc., que exportam para Benguella em grande quantidade.

* * *

Uma das photographias representa a fortaleza, á qual vae dar uma rua de coqueiros e incendeiras, ficando-lhe ao lado direito o quartel, casa coberta de capim. Os outros edificios, incluindo a habitação do chefe, ficam dentro dos muros, ao lado esquerdo dos quaes se eleva um mastro no qual se arvora a bandeira portugueza aos domingos e dias de gala. A outra photographia é uma vista de uma parte do rio que n'este sitio é largo e pouco profundo, mas caudaloso no tempo das chuvas e quasi secco no tempo do cacimbo. Não é navegavel e atravessa-se a váu; as suas margens, cobertas de capim, são muitas vezes levadas aos boccados pela força da corrente que as arrasta e lança a distancia, modificando assim de anno para anno o leito do rio e o seu curso.

FORTALEZA NO DOMBE

RIO S. FRANCISCO OU COPORORO

COSTUMES DO DOMBE

Os indigenas da extensa região do Dombe acham-se divididos em duas classes bastante distinctas: a classe mais ou menos abastada e a classe indigente, as quaes muito se differençam no seu viver. A mulher da classe abastada é mais elegante, limpa e agradavel, e são sua occupação os trabalhos caseiros. As mulheres pobres dedicam-se aos trabalhos da lavoura; os homens occupam-se na conducção de cargas ou fretes, ou passam os dias indolentemente sentados ás portas das tabernas, esperando que alguem os chame: tanto os homens como as mulheres arrastam uma vida miseravel e vivem em volta da cidade habitando casas toscamente construidas de páos e cobertas de capim, sem ar nem luz, verdadeiros antros fetidos e immundos.

O trajo dos naturaes do Dombe é no geral semelhante ao dos typos que já temos descripto. Dos cabellos crescidos e untados com azeite formam uma especie de barrete. As mulheres usam ao pescoço grossos collares feitos de fios de contas, ligados uns aos outros, tendo pendentes algumas bugigangas, que dizem ser os feitiços, e nas pernas e nos pulsos argolas de arame de latão enroladas em ligeira espiral. Muitas usam tambem pintar a cara com barro branco ou encarnado.

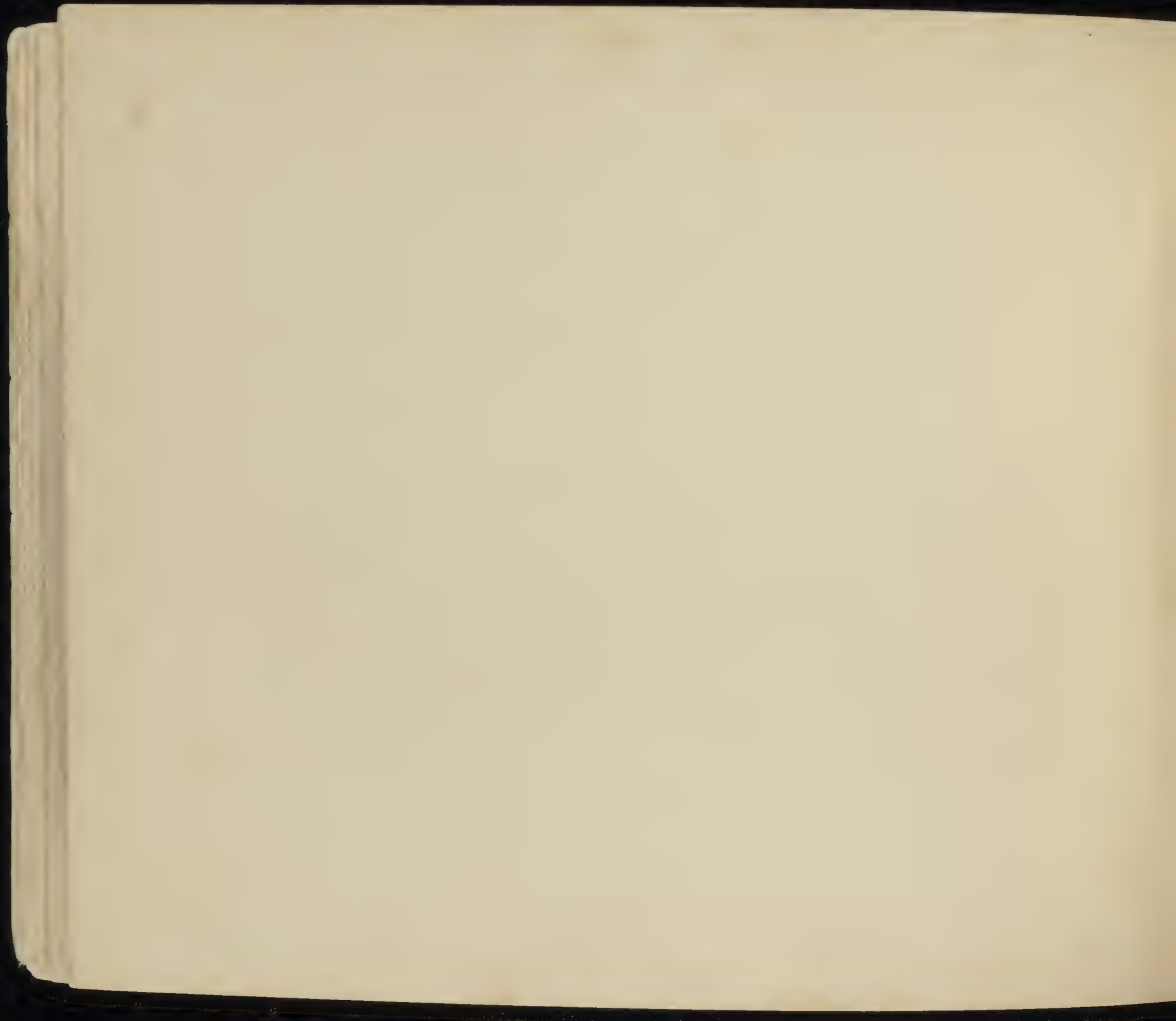
São muito supersticiosos e acreditam na intervenção da feiticeria ainda nas cousas mais insignificantes da vida. A prova do ponto a que levam a superstição é que, gostando muito da aguardente,

nunca a bebem sem primeiro terem deitado algumas gotas no chão, para, dizem elles, contentarem *o 'nzumbi* (alma do outro mundo).

Tambem têem uns enterros originaes. O morto é untado com azeite de palma e depois de embrulhado n'uma esteira é passeado processionalmente sobre uma especie de padiola pela povoação. Durante o trajecto perguntam ao morto quem o matou, e por elle responde o *Quimbanda* (medico, adivinho ou feiticeiro), o qual diz o que bem lhe parece a tal respeito. Ordinariamente responde que elle morreu por estar cançado de viver; todavia succede muitas vezes attribuir a sua morte a qualquer dos assistentes, o que só se dá quando o *Quimbanda* se quer vingar de alguem. O infeliz que é tornado culpado é immediatamente preso, e os seus bens são confiscados, quando não é tambem vendido ou morto.

Em seguida vão todos os convidados ao Itambi (banquete) onde se embebedam á custa do morto ou á do desgraçado que cahiu sob a alçada do *Quimbanda*.

UMA SANZALLA

DOMBE

CAZA E SERVIÇAES NO LUACHO
DOMBE

VALLE DO DOMBE

Os campos que formam o Valle do Dombe, são dos mais aptos e proprios para a cultura da canna saccharina não só pela natureza dos seus terrenos, mas tambem pela abundancia das suas aguas, elemento indispensavel para a cultura da canna.

As aguas que o rio e algumas lagôas fornecem são aproveitadas nas regas, sem que para isso seja preciso o auxilio de bombas. O curso das aguas e o declive do valle obrigam simplesmente o agricultor a fazer os regos por onde ellas devem correr.

Estas vantagens foram habilmente aproveitadas pelos agricultores que alli foram estabelecer-se, havendo hoje importantes plantações que produzem 1:500 a 2:000 pipas de aguardente por anno.

A propriedade mais importante, e porventura uma das principaes de Angola, é a denominada Luacho. Occupa uma extensa area ao fundo do valle onde corre agua em abundancia por toda a parte. Compridas ruas ornadas de bananeiras dividem os talhões plantados de canna, e grandes vallas, parallelas ás ruas, fornecem a agua precisa para as regas. Uma via ferrea assente nas ruas principaes, na extenção de dois kilometros, facilita a conducção da canna do extremo da fazenda até á casa da machina de moagem e destillação.

Grande numero de serviçaes, parte dos quaes contratados em Novo-Redondo, vestidos e bem tratados, como em quasi todas as fazendas, se occupam nos diversos mistéres que lhes são des-

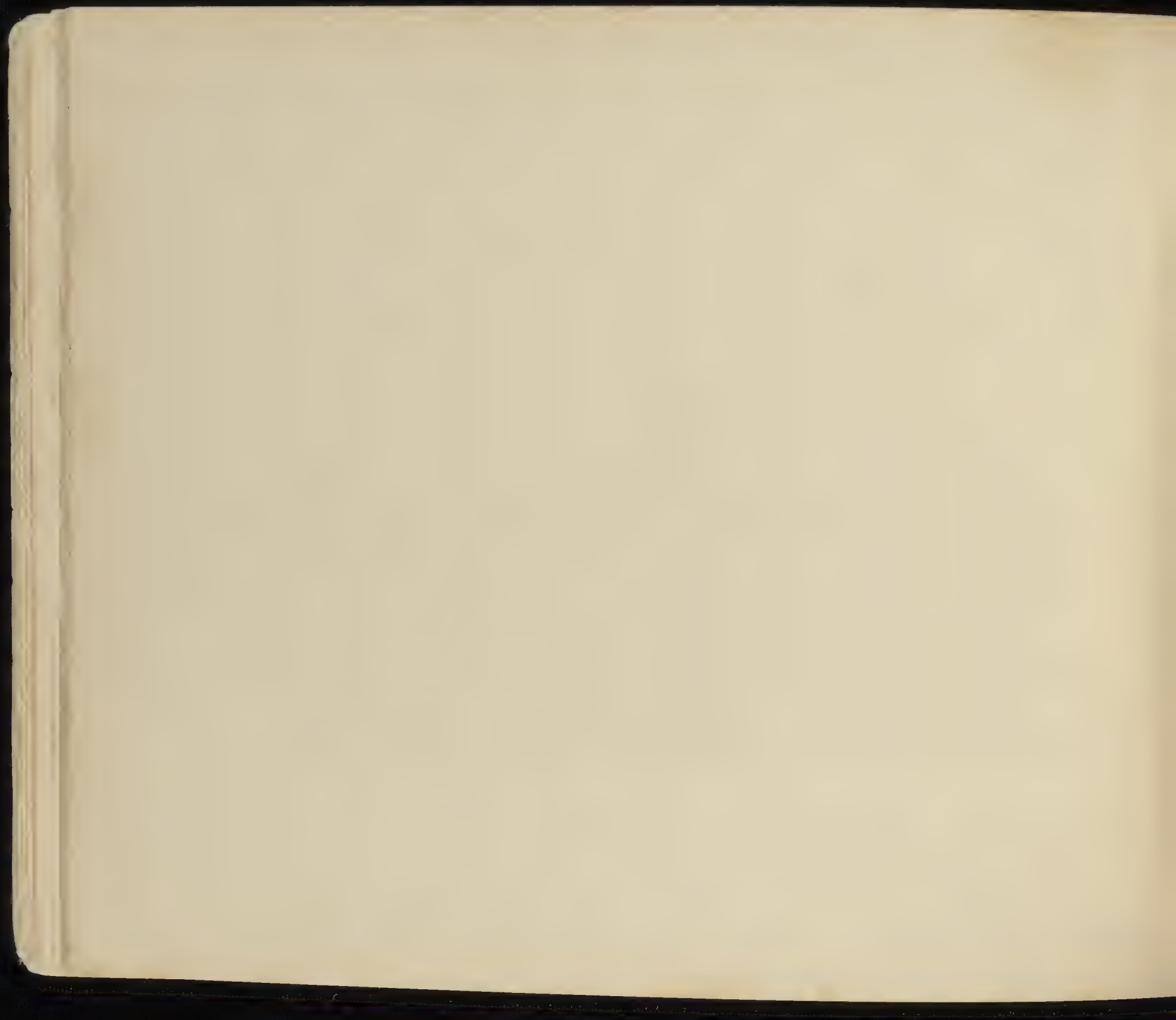
tinados. Não é só a agricultura que absorve o pessoal da fazenda; a moagem, a destillação, a tanoaria para levantamento e concerto dos cascos que têem de receber a aguardente; a carpintaria e serralheria para o concerto de varias peças que tem de ser immediatamente reparadas, etc., etc., tudo emprega tambem pessoal proprio.

Os donos das fazendas têem-se visto na necessidade de mandar ensinar aos indigenas estes diversos officios, porque os europeus resistem com difficuldade ás doenças provenientes do calor e da humidade, as quaes tornam o clima do valle de Dombe bastante doentio.

***

O *salalé* encontra-se em varios logares no interior. É de tal modo damninho que estraga tudo quanto encontra ao seu alcance: n'um armazem ataca os fardos de fazenda, as pipas de aguardente, que damnifica completamente; alue os alicerces das casas e nada resiste á sua acção destruidora. Nos campos revolve e levanta montes de terra, em fórma de enormes tortulhos ou de elevadas pyramides, como a photographia representa.

MULHERES DO DOMBE

SALALÉ — TERMITES

TYPOS DE CACONDA

A povoação e o concelho de Caconda, situados n'uma altitude elevada, são dotados de um clima temperado e salubre; o seu sólo é fertil e abundante em agua corrente fornecida por numerosos ribeiros. É de todos os concelhos de Benguella o mais proprio para a colonisação europea.

Não obstante estas condições do sólo e do clima, a agricultura está pouco desenvolvida, devido á falta de meios de transporte para o litoral.

Se, porventura, um dia Caconda se ligar a Benguella por uma boa estrada, as suas condições de vida e riqueza desenvolver-se-hão rapidamente, tornando-se um centro agricola e commercial dos mais importantes do interior.

Os seus terrenos são aptos para a cultura do café, algodão, arroz, trigo, milho, canna saccharina, etc.

A povoação de Caconda, que dá o nome ao concelho, é a residencia de um chefe dependente do governador de Benguella. Tem um presidio fundado em 1682, sendo governador geral de Angola João da Silva e Sousa, e bem assim uma fortaleza construida de adobes. O presidio que primeiro foi levantado um pouco distante do actual, no planalto e nas terras do sóba Bongo, foi destruido pelo gentio, sendo levantado de novo no logar onde hoje existe n'uma altitude de 1:670 metros acima do nivel do mar, e em 13° 46' Lat. Sul e 15° 2' Long. Este.

A povoação tem uma pequena egreja com a invocação de Nossa Senhora da Conceição.

* * *

O gentio de Caconda e das regiões proximas, como Anha, Huambo, Fendi, Quingolo Galengue, etc., é docil e habituado ao convivio dos europeus.

O viver dos povos d'esta região é um tanto patriarchal. A sua occupação principal é a agricultura e a creação de gados: como artigos do commercio tem a ginguba, borracha e algum marfim.

Em Caconda, tanto os homens como as mulheres usam largas tranças que fazem dos seus cabellos encarapinhados. É o que constitue o seu principal adorno, sendo completado nas mulheres com grandes collares de fios de missanga como os que usam as pretas do Dombe.

Uns objectos quaesquer pendentes do pescoço são os feitiços que os devem livrar de todos os maleficios. Os homens usam tambem uma pequena buceta que lhes serve de caixa para o tabaco em pó, que habitualmente tomam. O fumo entre elles é pouco usado.

De resto, um panno sobre os rins, como é de costume, e mais nada.

TYPO DE CACONDA - HOMEM

TYPO DE CACONDA MULHER

ESTRADA DO CAVACO

N'um dos extremos da cidade de Benguella e proximo ao hospital começa a estrada denominada do Cavaco, que foi concluida ha poucos annos.

Macadamisada e orlada de arvores, n'uma grande parte da sua extensão, torna-se um passeio apreciavel nas tardes calmosas dos dias tropicaes.

É o passeio favorito dos habitantes da cidade.

A estrada do Cavaco, inicio da que deve ligar Benguella á Catumbella n'uma extensão de quinze kilometros, depois de concluida e feitas as respectivas obras de arte e duas pontes das quaes uma já está concluida sobre o rio Cavaco, deve concorrer poderosamente para os melhoramentos d'esta importante região e mostrar os beneficios resultantes do estabelecimento de vias de facil communicação, que tão escassas são nos nossos dominios coloniaes.

Concluida a estrada, e tornados menos dispendiosos os meios de transporte, o trafico commercial animar-se-ha, e o desenvolvimento agricola será uma consequencia resultante de tal beneficio. O negociante e o agricultor colherão vantagens que se tornarão extensivas a todos e que reverterão em favor dos rendimentos publicos, com os quaes, devidamente applicados, se irão melhorando as condições de vida e desenvolvimento d'estas regiões.

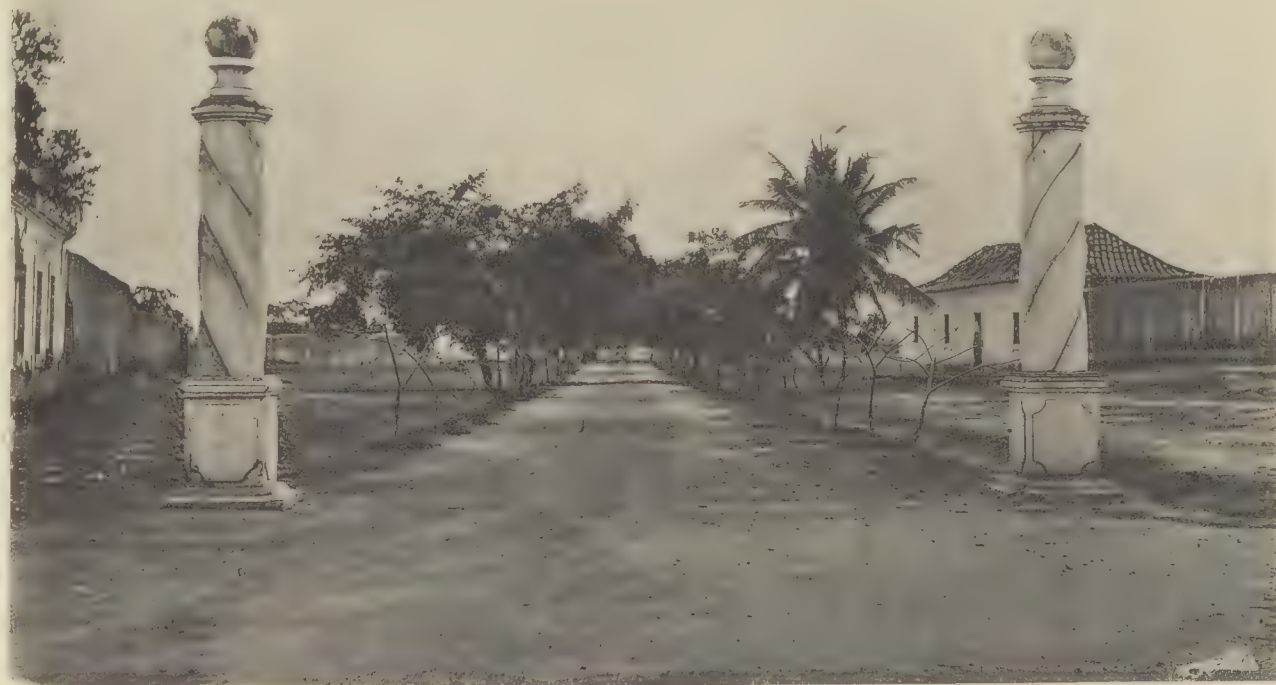
A parte concluida da estrada, a que nos referimos, termina junto ao rio Cavaco, n'uma extensão de tres kilometros proximamente.

RIO CAVACO

O rio Cavaco, se tal nome se póde dar a uma pequena nascente que tem a sua origem a vinte ou trinta milhas para o interior, perde-se na areia, e só no tempo das chuvas é que tem alguma importancia.

É n'esse tempo que, tornando-se uma verdadeira torrente, arrasta na sua impetuosa marcha as arvores que encontra junto ao seu leito ou nos logares por onde se espraia.

Esse furor e impeto desapparece todavia e em breve, logo que as chuvas cessam, e, na maior parte do anno, toma o aspecto que a photographia nos mostra: o de um leito de areia onde os pretos fazem pequenas covas para extrahir a agua com que abastecem a cidade de Benguella, e para a qual a conduzem em pequenos barris.

A agua do rio Cavaco é a melhor que se bebe em Benguella, porque, filtrada pela areia, torna-se bastante crystallina e agradavel ao paladar. Nas margens do Cavaco ha pequenos *arimos* (quintas) de pouca importancia e algumas casas de recreio pertencentes a negociantes de Benguella.

ESTRADA DO CAVACO

LEITO DO RIO CAVACO

UMA PLANTAÇÃO DE CANNA

Assim que amanhece toca o sino dando o signal de reunir para o trabalho. Os pretos levantam-se, bocejando, das suas esteiras, vão sahindo das cubatas e reunem-se no largo que ha em todas as fazendas, junto á casa principal, d'onde saem os feitores. Feita a formatura, procede-se á chamada; são tomadas na devida conta as faltas e queixas motivadas por doença, e apontam-se os que faltam sem motivo justificado, para mais tarde serem castigados. O dono da fazenda ou o encarregado, divide os serviçaes em grupos, á frente dos quaes colloca um feitor branco e muitas vezes um preto de mais confiança, e designa-lhe o logar para onde devem ir e o trabalho que têem a fazer. Terminada esta divisão, cada grupo segue ao seu destino. Em muitas fazendas, especialmente no tempo de *cacimbo* (estação mais fria), distribue-se previamente um copo de aguardente a cada preto, para o aquecer.

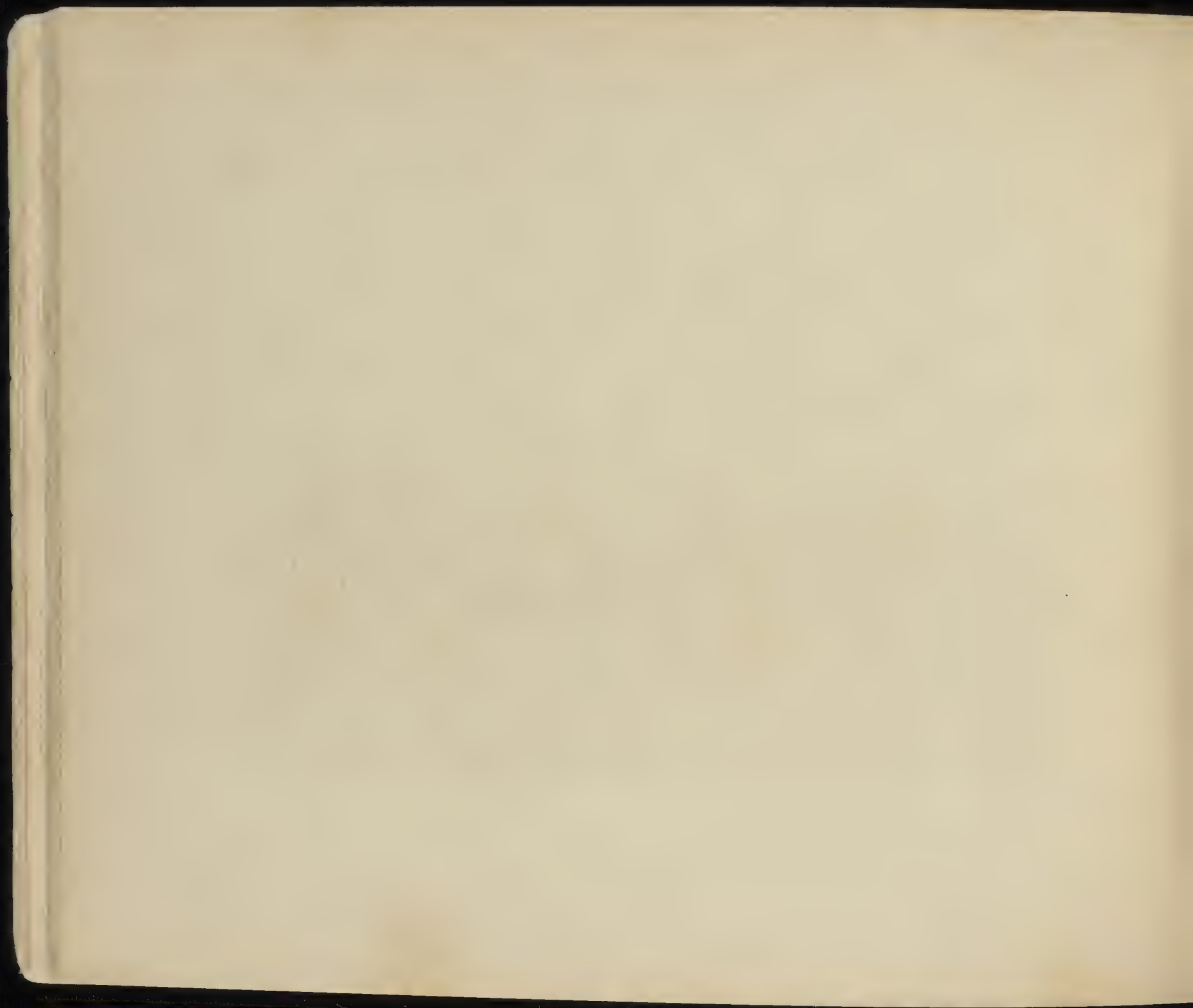
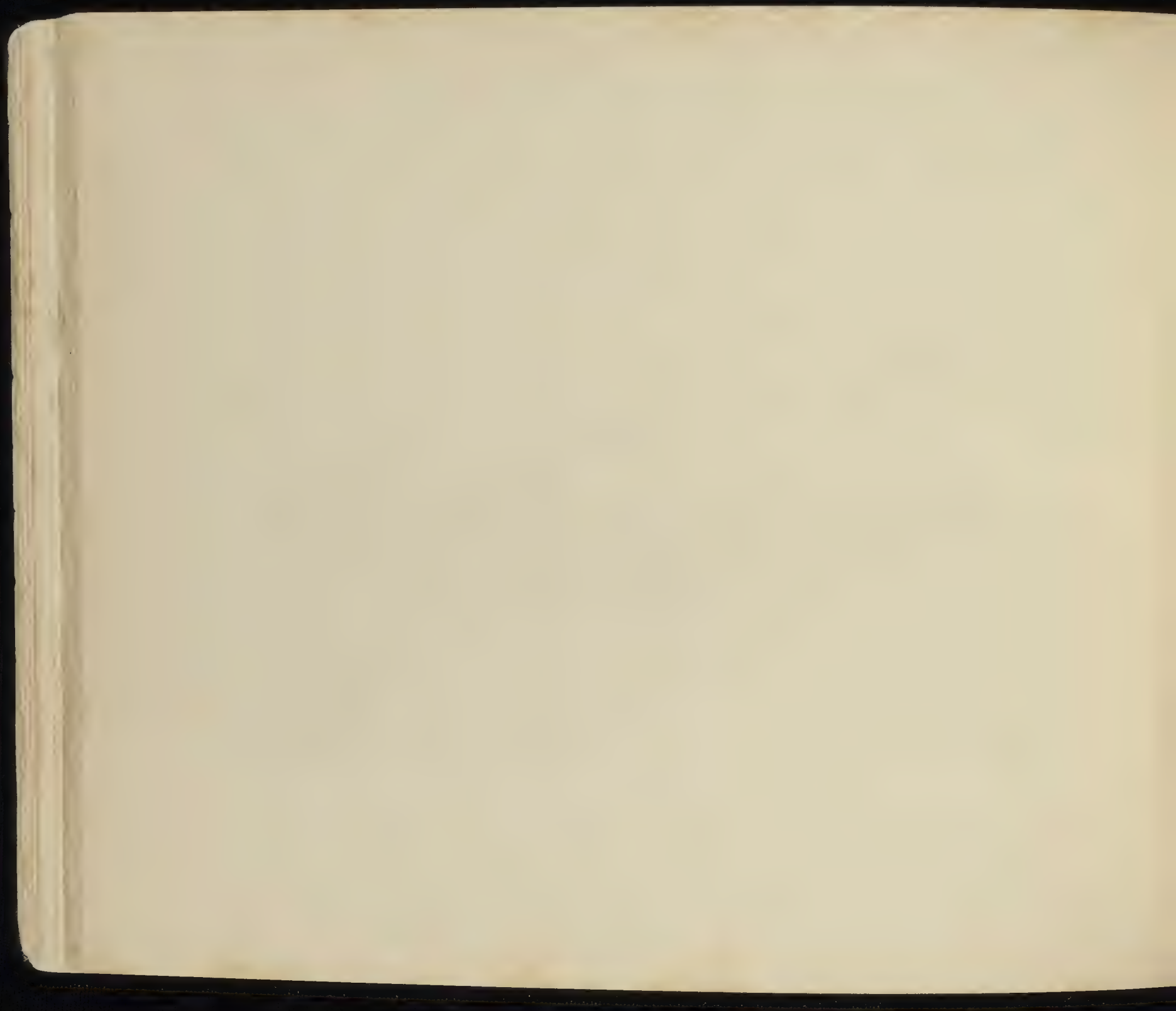
Ás oito horas descançam um pouco para almoçar, e ao meio dia e ás duas horas toca novamente o sino, indicando o momento de largar ou de voltar outra vez ao trabalho.

Como a canna necessita muita agua para se desenvolver, as plantações são todas feitas á margem dos rios, em terra geralmente plana e dividida em talhões de cava bastante larga e pouco profunda, onde os pedaços de canna são enterrados de um lado e outro d'esses regos, alternadamente. Rebentam em poucos dias e vão crescendo até que attingem o seu completo desenvolvimento no fim

de dezoito mezes aproximadamente, conforme a qualidade do terreno da plantação. Durante este tempo, o unico trabalho que dão ao agricultor é a rega e a limpeza (córte das folhas que vão secando).

Julgada prompta a canna são cortadas todas as hastes e conduzidas para o engenho de moagem, onde são espremidas passando entre dois rolos de ferro; o succo que escorre é aproveitado em grandes balsas onde fica a fermentar durante alguns dias, passando em seguida ao distillador.

As *sócas* (raizes) rebentam novamente e só são arrancadas quando têem perdido o vigor, o que succede geralmente depois de darem tres ou quatro colheitas. Sendo a agua de absoluta necessidade para o desenvolvimento da canna, quasi todas as fazendas possuem bombas movidas a vapor para levantar a agua do rio á altura precisa para regar as plantações, e os proprietarios menos abastados fazem poços sobre os quaes collocam cegonhas movidas á mão.

PLANTAÇÃO DE CANNA

BOMBA A VAPOR PARA REGAR

COSTUMES DO BIHÉ

O gentio do Bihé, acostumado desde pequeno a viagens e a conduzir cargas, é no geral valente e bom caminheiro, e resiste por muito tempo a longas viagens. As creanças acompanham os paes desde os oito annos, levando cargas proporcionadas ás suas forças; de sorte que, quando attingem a edade do seu desenvolvimento physico, são já uns excellentes carregadores.

Vivos, intelligentes e sobretudo grandes falladores, entretêem o viajante com as suas interminaveis narrações e descripções dos paizes que atravessaram. Exaggerados em extremo, ligam a todas as suas historias e contos o phantastico e o sobrenatural, mas com certa graça e habilidade.

No Bihé, como em quasi todos os paizes da Africa, a mulher é a encarregada dos trabalhos agricolas e domesticos, que os homens consideram improprios da sua posição e qualidade, a qual julgam superior á da mulher, por muitos tida na conta de escrava ou de condição egual.

A mulher do Bihé tem o sentimento da maternidade mais desenvolvido que as de outras tribus. É mais amorosa e carinhosa para os filhos, e até mesmo comprehende melhor os deveres de mãe.

O homem, possuido de um errado sentimento de liberdade, é mais despreoccupado pela familia, devido sem duvida ao viver, desde creança, ou como carregador ou commerciante, segundo trabalha por conta propria ou de outros.

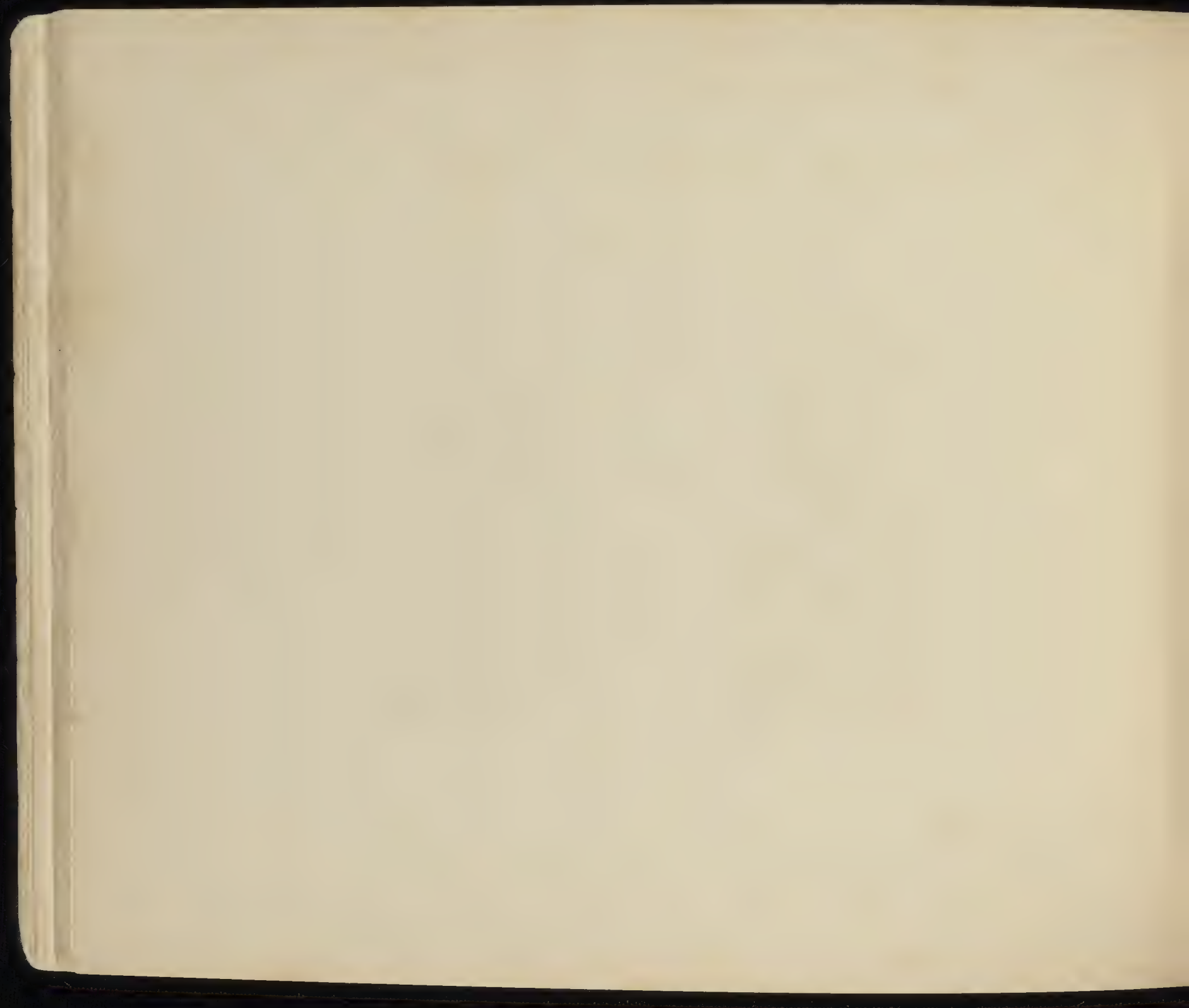
A polygamia é vulgar tanto no Bihé como em quasi todas as regiões; estado este determinado

pelas condições e circumstancias em que os casamentos são feitos. O casamento é uma questão de conveniencias. Nunca se realisa por amor, sentimento que parece ser completamente desconhecido dos indigenas; é mera questão de negocio e de nada mais.

O noivo ajusta o seu casamento com o pae da noiva, a quem dá em troca um certo valor em fazendas. Realisada a transacção e em seguida a umas pequenas formalidades, o noivo conduz a noiva para casa. Estão casados; porém, os laços do matrimonio não são indissoluveis, porque se a mulher não cumpre as suas obrigações conforme o uso da terra, o marido tem o direito de a recambiar ao pae e exigir d'elle os valores recebidos na occasião do contrato.

O numero de mulheres que cada um póde ter, é relativo á fortuna que possue. Homens ha que têem tres e quatro ou, o que vale o mesmo, tres ou quatro escravas.

Tanto os homens como as mulheres entrançam os cabellos de diversos modos, sem comtudo terem um typo caracteristico, o que é talvez devido a importarem muitos dos seus usos e costumes dos diversos povos com quem convivem nas localidades por onde passam durante as viagens que fazem.

TYPO DO BIHÉ (HOMEM)

TYPO DO BIHE (MULHER)

BIHÉ

O Bihé confina com o paiz dos Bailundos, de que já se fallou, e com o dos Ganguellas, entre os quaes está situado n'uma altitude média de mil e seis centos metros acima do nivel do mar.

O paiz do Bihé, ponto de divisão, se assim nos podemos expressar, dos diversos systemas hydrographicos da Africa Central, fica ao centro de todos os cursos de agua importantes que, cortando o solo em todas as direcções, vão engrossar os grandes rios que desaguam no Oceano Atlantico e no Mar das Indias.

Na região propriamente dita do Bihé, cujo terreno é pouco accidentado, nascem pequenos ribeiros que, correndo em todas as direcções, vão alimentar os grandes rios, tendo primeiro regado essa feracissima região, uma das mais importantes e productivas do interior.

O clima de Bihé, sem duvida o mais vantajoso para a colonisação europea, é saudavel. As suas producções são variadissimas, e os fructos desenvolvem-se rapidamente por toda a parte e em grande abundancia.

O Bihé está ligado por trilhos com todos os paizes do interior da Africa, e é considerado o ponto mais commercial do interior porque alli convergem todas as caravanas que têem de partir para o interior ou para o litoral. Para o interior, á compra do marfim, borracha e outros generos que constituem os principaes objectos das suas mais usuaes transacções; para a costa, as que já forneci-

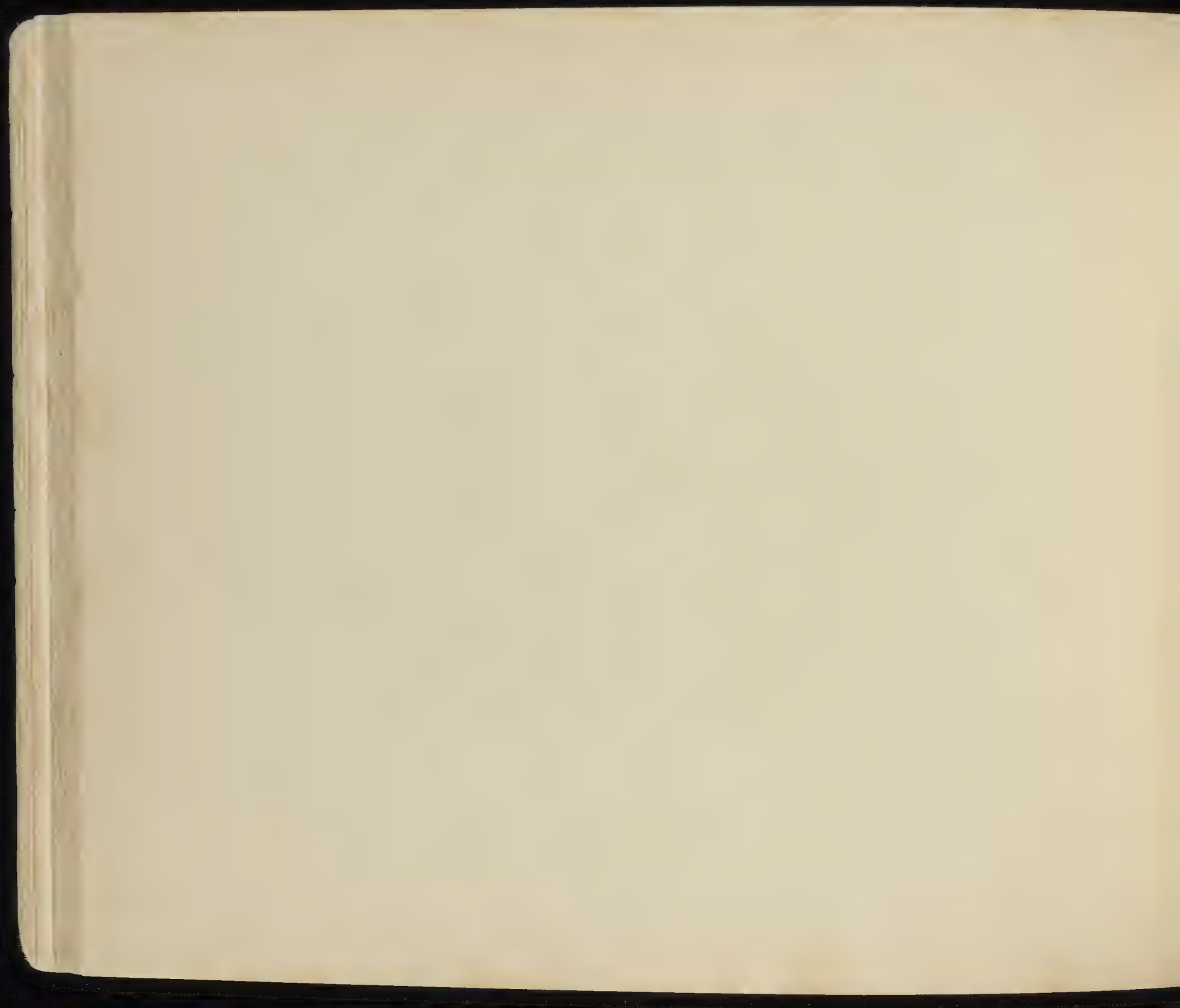
das vão levar os seus productos ás casas de negocio que se acham espalhadas por differentes pontos da costa ou proximas dos grandes rios, que são ordinariamente os logares preferidos para o estabelecimento de feitorias ou casas commerciaes.

Portanto, o Bihé, em virtude da sua situação e condições é, por assim dizer, a linha que divide a Africa selvagem e inexplorada comprehendida nos dominios portuguezes do centro da Africa commercial e agricola.

Os viajantes que se dirigem para o interior da Africa, como exploradores ou como negociantes, partem quasi sempre da costa com carregadores bailundos, que são considerados os melhores para longas viagens. Como geralmente não passam alem do Bihé, o viajante que deseja proseguir na sua viagem commercial ou de exploração, tem de tomar ao seu serviço os bihénos que, como os bailundos, são bons carregadores e viajantes por excellencia. Todavia é preciso ter cautela com elles, porque são deveras exigentes.

Os chefes indigenas d'estas regiões recebem e tratam bem os europeus, a quem presenteiam continuamente, com o fim de receberem sempre em troca valores superiores áquelles que dão. Se o viajante se não previne, dentro em pouco fica expoliado debaixo de uma fórma amavel e graciosa, compativel com a indole indigena, que, sob este ponto de vista, é digna de estudo e attenção.

TYPOS DIVERSOS

TYPOS DIVERSOS

CATUMBELLA

A povoação d'este nome demora em 12° 21' Lat. Sul e 13° 27' Long. Éste, e dista dez a doze kilometros do mar.

A Catumbella é o concelho mais rico do districto de Benguella, e a sua riqueza procede do grande commercio que alli vem do interior, o qual determinou o estabelecimento da povoação.

Alguns negociantes de Benguella, que iam como é costume de todo o negociante africano, ao encontro do gentio para com elle fazer negocio, deram principio á povoação, estabelecendo as suas casas n'uma planicie na margem direita do rio Catumbella. Em breve outros negociantes juntaram-se áquelles; e em poucos annos, onde apenas existiam algumas cubatas, levantou-se uma povoação já hoje muito importante.

Commercialmente, a villa do Dondo tem um aspecto mais europeu, mas occupa uma área muito inferior faltando-lhe terreno para se desenvolver, pois está situada ao fundo de grandes montes, o que lhe prejudica bastante as suas condições de salubridade que ainda peoram com a affluencia do gentio, de ordinario pouco limpo, ou antes repellente, por causa do cheiro das pomadas com que habitualmente untam o corpo, accrescendo ainda o viverem agglomerados e em más condições hygienicas.

A Catumbella é cortada por algumas ruas, tres das quaes parallelas ao rio, e tem quatro largos.

As casas commerciaes mais importantes são as de Bensaude & C.ª, João Ferreira Gonçalves, Moraes Cardoso, F. J. de Freitas e J. C. de Azevedo & C.ª

*
* *

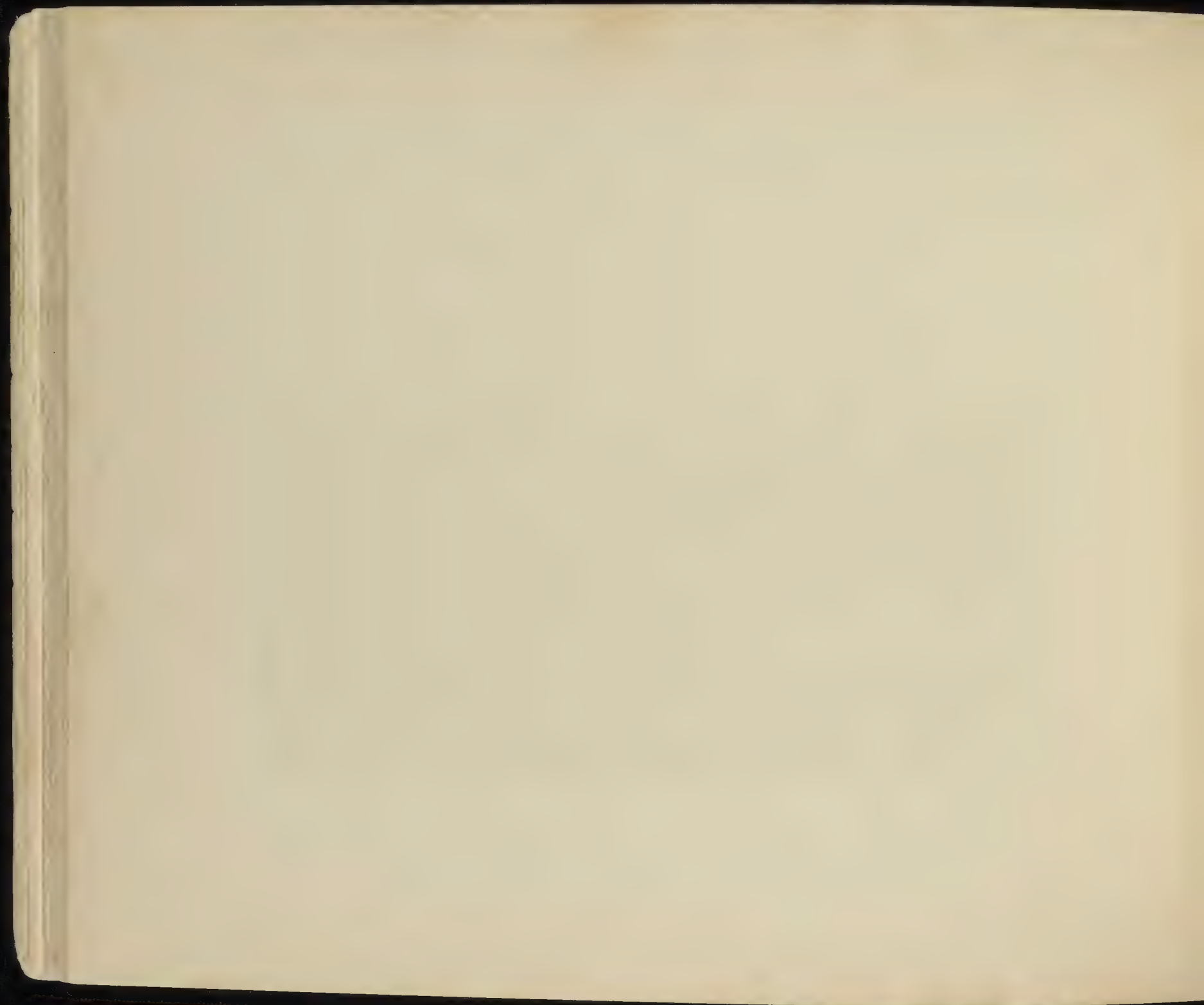
O numeroso gentio que alli afflue vem do Bailundo, Bihé, Muata-Ianvo, Garaganja e Quioco. Dotados de indole pacifica, curam do negocio sómente, e embora aconteça pertencerem a tribus inimigas e andarem sempre armados nunca se acommettem.

É frequente elles dizerem *nós viémos para fazer negocio e não para fazer questões*, — o que se deve considerar uma felicidade para os europeus, que não teriam força para os conter se elles fôssem desordeiros.

*
* *

Uma das photographias, apresenta o aspecto geral e o das construcções. A outra, tirada da fortaleza, na margem esquerda do rio, mostra a posição das casas em relação ao rio e aos montes que lhe ficam por detraz.

A Catumbella foi ligada ultimamente a Benguella por uma linha telegraphica e outra telephonica.

CATUMBELLA

CATUMBELLA

RIO CATUMBELLA

O rio Catumbella nasce proximo de Caconda (segundo Anchieta), porém, o seu curso é quasi desconhecido até á Supa. D'alli á Catumbella corre entre montanhas bastante unidas formando garganta, que só se alarga perto da povoação, a qual está assente n'uma pequena planicie formada pelo recuo das montanhas da margem direita. As da margem esquerda terminam na ponta onde está levantada a fortaleza.

A partir d'este ponto e para o lado do mar segue uma extensa planicie, que se alaga em parte no tempo das chuvas. É muito fertil, tem alguns *arimos* e fazendas agricolas, sendo as principaes as de J. F. Gonçalves e de Eduardo Braga, as quaes possuem excellentes plantações de canna saccharina que alli produz de um modo admiravel. Pena é que o negocio absorva todas as attenções e que poucas ou nenhumas se empreguem na agricultura.

O gentio que povoa os arredores da Catumbella é docil e dado á creação de gado. A tribu mais importante é a de Quissange.

A povoação que a photographia representa faz parte da Catumbella: é o bairro indigena que já existia antes da edificação das primeiras casas europeas n'esta localidade.

O rio Catumbella vae desaguar um pouco ao sul da bahia de Lobito.

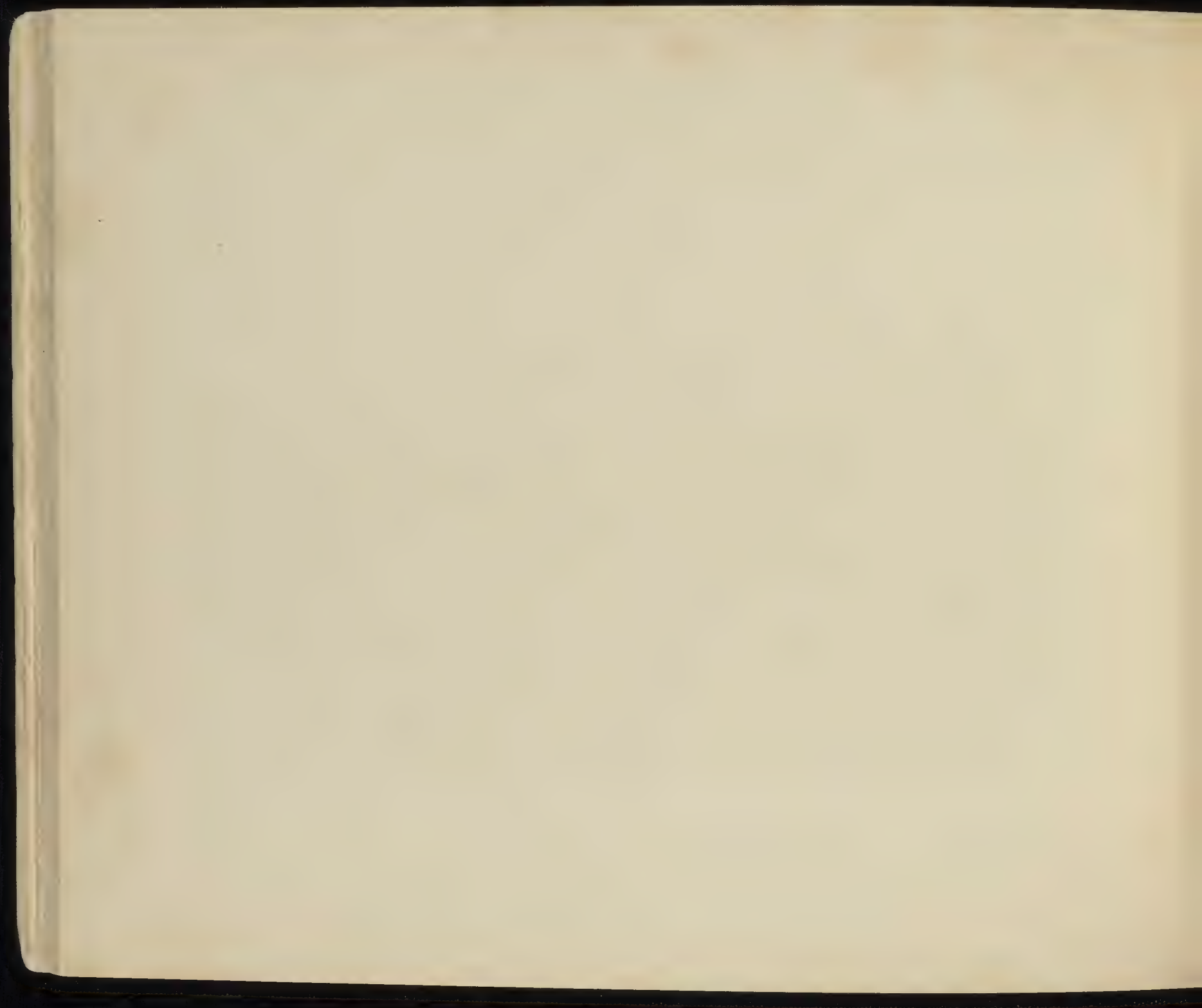
LOBITO

A bahia do Lobito, situada em 12° 18′ Lat. Sul e 13° 19′ Long. Este, não dá accesso a embarcações de grande tonelagem. Foi durante o tempo da escravatura um dos logares mais concorridos para o embarque de escravos, porque uma ponta de areia que se estende a grande distancia, fechando a bahia quasi completamente, escondia por assim dizer aos olhos dos cruzadores os navios negreiros que alli de preferencia se abrigavam.

Houve em tempo a idéa de aproveitar esta bahia, em substituição da de Santo Antonio de Benguella, por ser mais abrigada; mas a falta de agua e de terreno proprio para a edificação de uma cidade, fez abandonar esse projecto, tendo-se, não obstante, começado uma fortaleza e um outro edificio do governo. Os terrenos junto á praia são baixos e alagadiços, cobertos de *mangue,* cujos madeiros se aproveitam para construcções.

Enorme quantidade de ostras, bastantes para carregar muitos navios, vivem agarradas ás raizes do *mangue.*

Algumas salinas, que produzem um sal de qualidade inferior, e uma duzia de cubatas de pescadores, é tudo o que ha de mais importante em Lobito.

RIO CATUMBELLA

BAHIA DO LOBITO

OS GANGUELLAS

Os ganguellas formam uma tribu numerosa e muito dada ás artes. São conhecidos no interior como bons artistas e fabricantes de fechos de espingarda, enxadas, machados, facas, azagaias e outros objectos; o que tudo, posto seja toscamente acabado, tem grande merecimento e utilidade no interior.

Os ganguellas são agradaveis e sympathicos, e muito mais activos do que os indigenas das outras tribus. Pouco dados a viajar, se saem das suas terras é para trabalharem pelo officio ou para venderem os productos de suas industrias, e raras vezes como carregadores, salvo se não têem em que se occupar ou são pobres.

* *

A idéa religiosa, baseada sobre a existencia de um ser supremo, mal existe no interior da Africa.

A religião dos indigenas é o fecticismo ou a idolatria, e por vezes uma cousa difficil de se definir, ligando a todos os seus principios idéas muito vagas e confusas. Crêem na existencia de um poder supremo todo maldade *(magna-zambi)*, a quem fazem offertas na intenção de lhe abrandarem as suas iras.

Em todas as sanzallas se encontra uma cubata, especie de capella, que abriga os idolos e feitiços, ante os quaes os indigenas depositam as suas offerendas de carne secca ou bebidas. Os

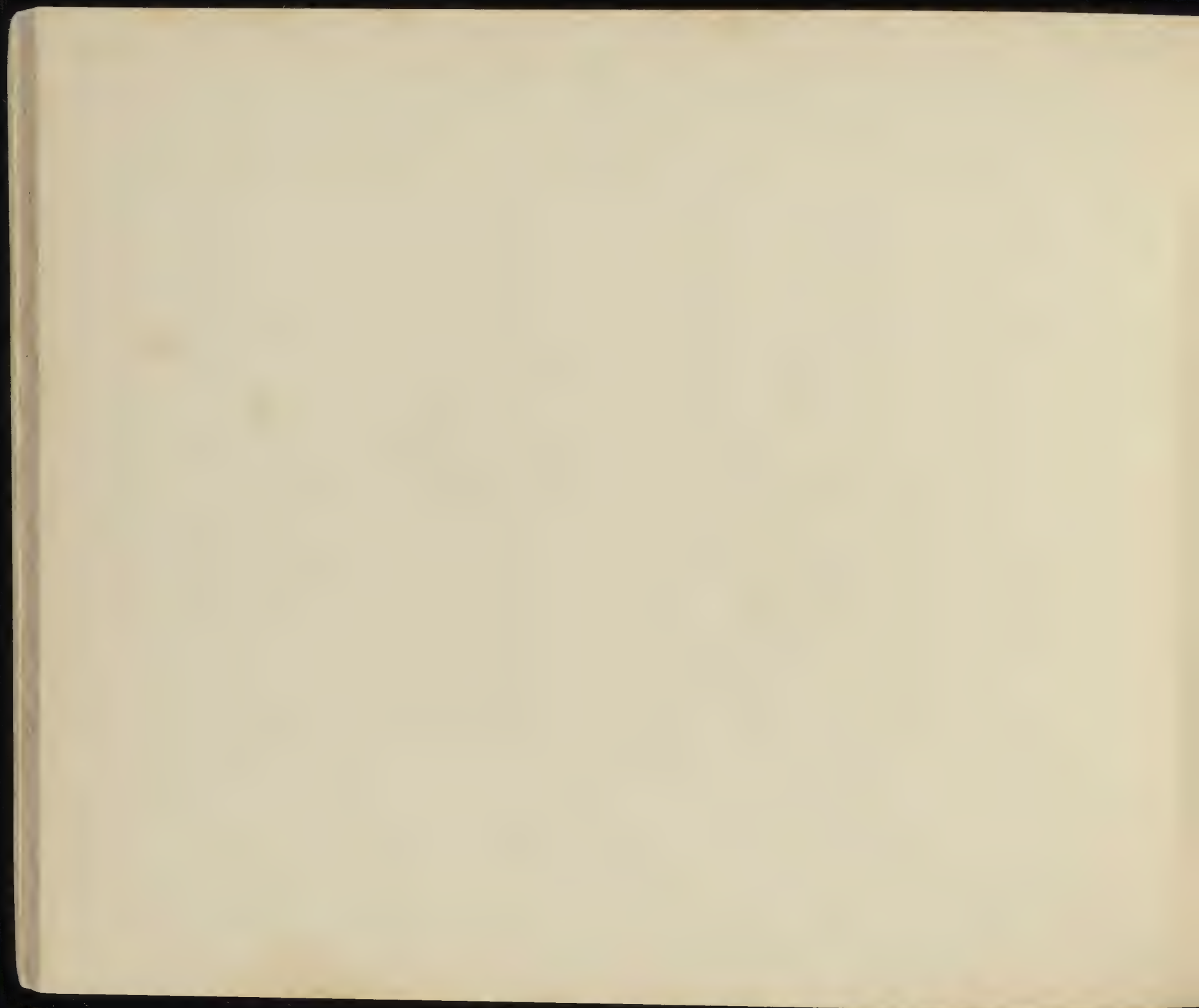
Quibandas (especie de sacerdotes, magicos ou feiticeiros) são os encarregados de vigiar pelos idolos, receber as offerendas e explicar as razões por que elle satisfez ou não a este ou áquelle pedido dos crentes.

Os feitiços podem ser feitos por qualquer preto para seu uso, da familia ou dos amigos; havendo comtudo na povoação um idolo principal. A cousa mais insignificante póde ter propriedades ou virtudes de feitiço: um dente, um chifre, um bocado de pão, etc., são outros tantos talismans que curam as doenças, livram dos maus olhados, fazem achar as cousas perdidas ou attrahem os males sobre os inimigos.

O idolo principal, que é geralmente o maior, tem uma cubata na sanzalla do chefe, e é tambem sempre o mais enfeitado de objectos grotescos e o que mais offertas recebe.

Os quibandas, muquices ou mugangas (feiticeiros) andam sempre vestidos com uns fatos de phantasia. Usam geralmente saiotes de palha e grandes collares de missanga, ossos, bocados de chifre, sementes, etc., em volta do pescoço, e na cabeça bandas de missanga de côres vivas e grande quantidade de pennas. Riscam o corpo e a cara com gesso e usam algumas vezes mascaras de pau. São muito respeitados e temidos dos indigenas, sobre quem exercem um ascendente perigoso ou benefico, conforme a sua indole e interesses, ou os sentimentos de que estão possuidos a respeito dos seus semelhantes.

TYPO GANGUELLA

TYPO GANGUELLA

RIO QUICOMBO

Seguindo de Novo Redondo para o sul encontra-se a 15 kilometros a fazenda Santa Isabel, pertencente á Companhia Loanda & Novo Redondo, cujas plantações se estendem pelas margens do rio Quicombo, que é de uma belleza surprehendente e admiravel para quem quizer dar-se ao incommodo de subir o seu curso, durante algumas horas, embarcado n'uma pequena canoa.

O rio Quicombo desemboca na planicie por entre duas montanhas de grande elevação cortadas a prumo sobre as aguas e formadas por camadas sobrepostas perfeitamente visiveis nos traços horisontaes que as dividem. Mais acima, porém, as margens elevam-se em declive suave e são orladas de grandes bosques de bananeiras e palmeiras, voltando de novo a correr em terreno ligeiramente accidentado.

A bahia de Quicombo é mais abrigada do que a de Novo Redondo. Uma restinga de pedra abriga-a pelo lado sul, estendendo-se a grande distancia pelo mar dentro. Seria preferivel para a fundação da villa, se alli houvesse extensos terrenos proprios para a cultura. Os poucos que ha aproveitaveis estão occupados com as plantações da Companhia.

NOVO REDONDO

A villa de Novo Redondo está situada em 11° 12′ Lat. Sul e 13° 51′ Long. Este, parte no valle formado pelo rio Gunza e parte nos outeiros que separam o valle do mar. Foi fundada com o nome de presidio em 1769. Tem uma cidadella no extremo norte do morro, que domina o mar, a foz do rio e o valle. A cidadella foi augmentada em 1785 seguindo a configuração do monte sobre o qual assenta, e é artilhada com doze peças de grosso calibre, as quaes já por vezes serviram para conter em respeito o gentio visinho, que era bastante indocil.

Até 1840, a povoação de Novo Redondo era formada apenas por algumas cubatas e pequenos campos cultivados, e habitada por um diminuto numero de europeus que alli commerciavam com o gentio. N'essa epocha é que começaram a fazer-se as primeiras plantações de canna saccharina, as quaes, dando excellentes resultados, em breve se desenvolveram, achando-se actualmente todos os terrenos marginaes do rio occupados por extensas plantações que produzem a média annual de duas mil e quinhentas a tres mil pipas de aguardente.

A povoação tem augmentado bastante nos ultimos annos, motivo por que foi ha pouco elevada á categoria de villa. Infelizmente a bahia, que lhe serve de porto, é muito desabrigada, baixa e perigosa quando ha *calémas;* o que muito prejudica o seu desenvolvimento maritimo.

O rio Gunza segue por algumas milhas quasi parallelo á costa, e desagua ao norte da villa; é navegavel só para canoas.

RIO QUICOMBO

NOVO RODONDO

UMA LAGOA E UMA PONTE PENSIL

O interior de Novo Redondo é pouco conhecido dos europeus. A poucas horas de viagem da villa entra-se em pleno sertão, e raro se encontra uma casa commercial, o que não admira, porque o concelho de Novo Redondo é mais agricola do que commercial.

Subidos os montes que formam o valle de Novo Redondo, o terreno é ondulado com declives suaves, as encostas são arborisadas e cobertas de capim, e os valles ferteis e cheios de bananeiras e palmeiras, por entre as quaes ha grandes campos de milho e mandioca. Pequenas sanzalas aqui e alem indicam que o paiz é populoso. O aspecto geral d'esta região impressiona agradavelmente o viajante porque se encontra n'um paiz relativamente saudavel e livre de pantanos, excepto ao norte nas proximidades do rio Cuvo, onde ha grandes lagoas (*Quinráu*), algumas da extensão de muitos kilometros.

No tempo das chuvas todas as lagôas chegam a trasbordar, produzindo n'alguns pontos inundações que muito favorecem a agricultura e o cultivo de cereaes, por isso que deixam após si as terras inundadas cobertas de um nateiro, sobre o qual os indigenas semeiam o milho, que produz com grande facilidade e rapidez.

Como todas as lagoas estão ligadas ao rio, que lhes recolhe o excesso das aguas, são pouco demoradas as inundações, tornando-se por esse motivo uteis aos campos.

Uma das photographias representa uma d'essas lagoas cuja superficie, coberta de limos e outras plantas aquaticas, se assemelha a um extenso prado coberto de relva.

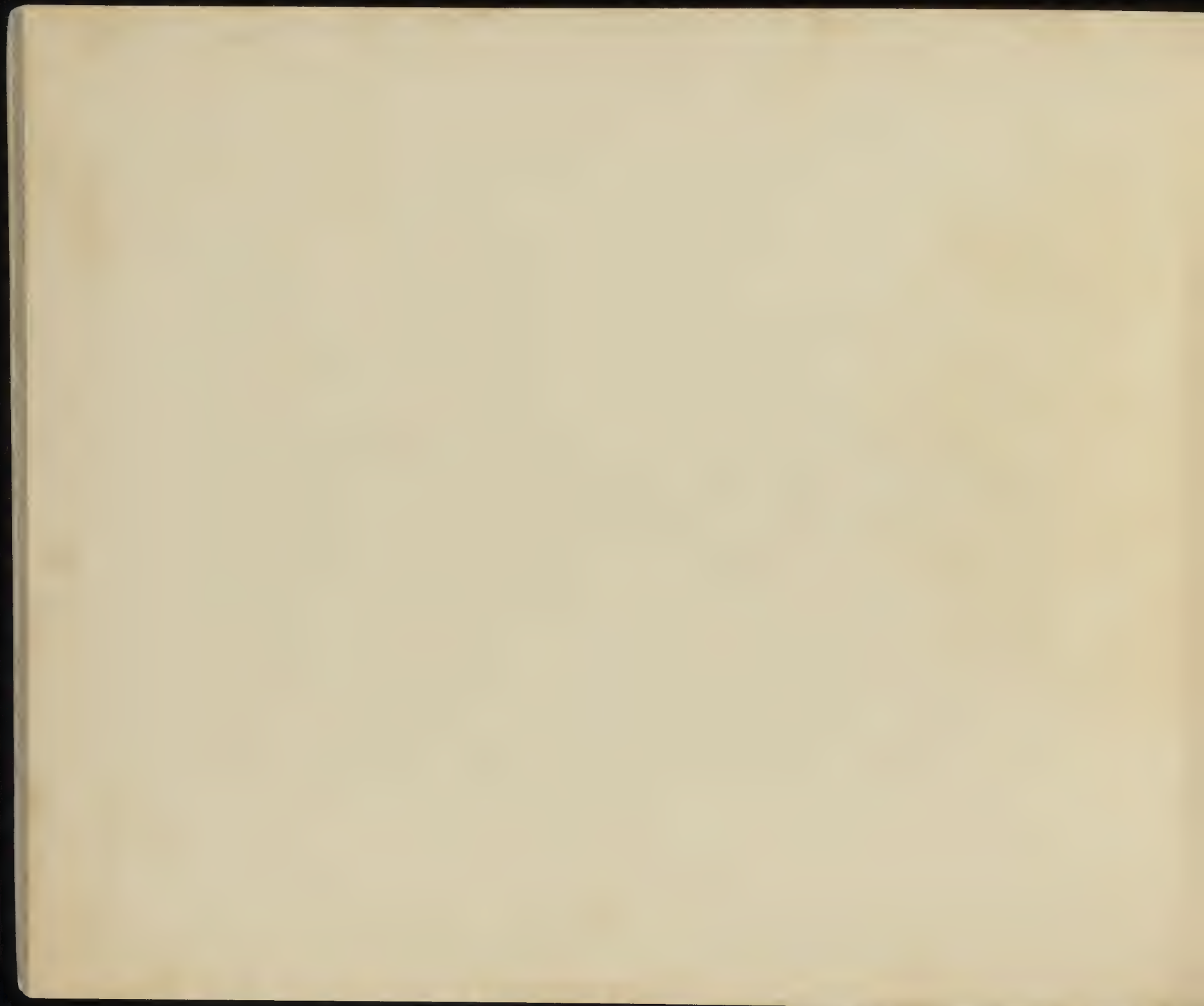
*
* *

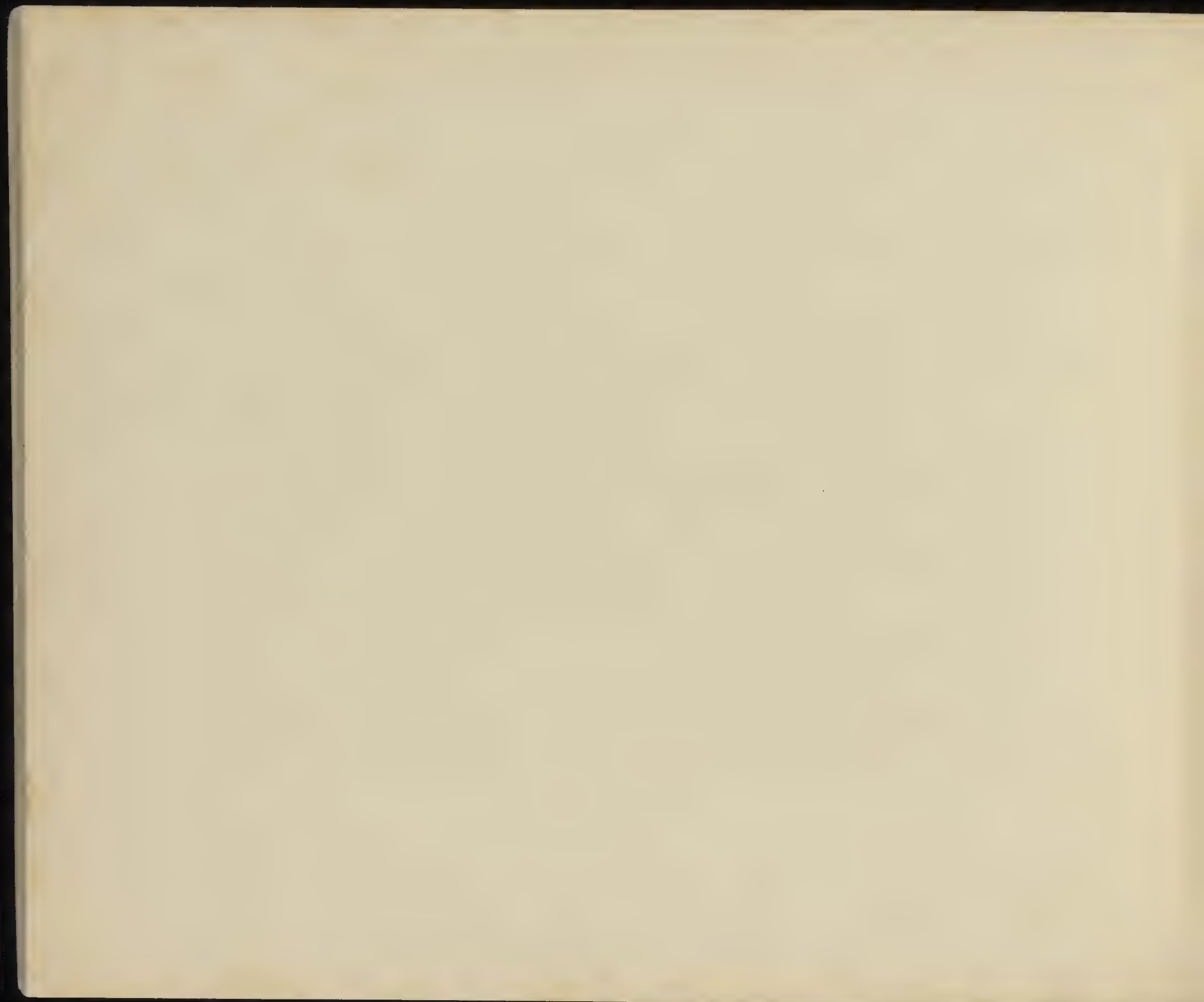
A ponte pensil *(Quilálo),* que se vê na photographia, está lançada sobre o rio Gunza entre o Coacre e o Hebo, libata ou residencia de um dos sóbas mais importantes do Celles.

Para a construcção da ponte foram aproveitadas duas arvores, que se elevam em frente uma da outra nas duas margens do rio, as quaes se acham ligadas entre si por duas grossas cordas de trepadeiras, fixadas com outras cordas aos ramos mais altos das mesmas arvores. O taboleiro suspenso d'essas cordas é formado com rolos de cordas da mesma natureza envolvidas em fibras ou filamentos de diversos vegetaes. Outras cordas ligadas ás duas primeiras formam duas redes lateraes, que são as guardas ou parapeito da ponte, por onde póde passar á vontade uma pessoa. Nos extremos da ponte ha rampas feitas de troncos de arvores ligados uns aos outros com cordas.

A ponte, devido á sua grande elasticidade, descreve no momento da passagem uma grande curva. Está 4 metros acima do nivel médio das aguas e tem de comprimento 18 metros.

QUINZÁU

(LAGÔA)

(PONTE PENSIL)

QUILÀLO

GENTIO DO CELLES

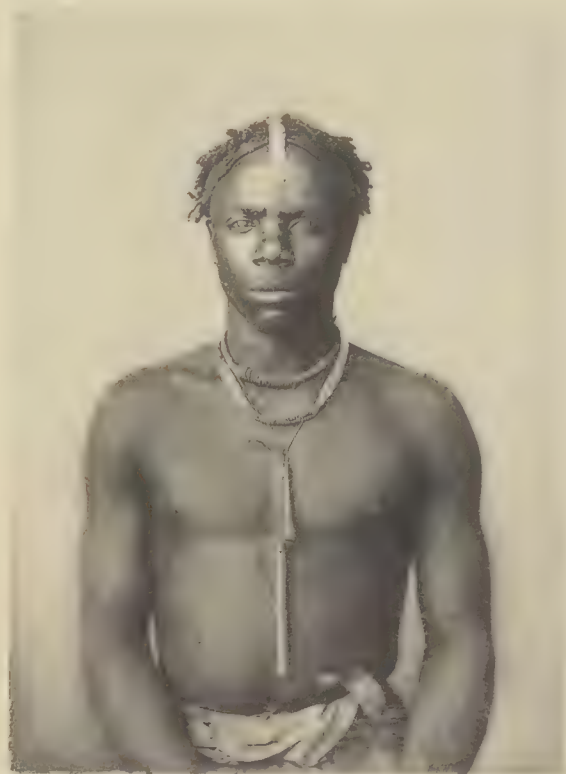
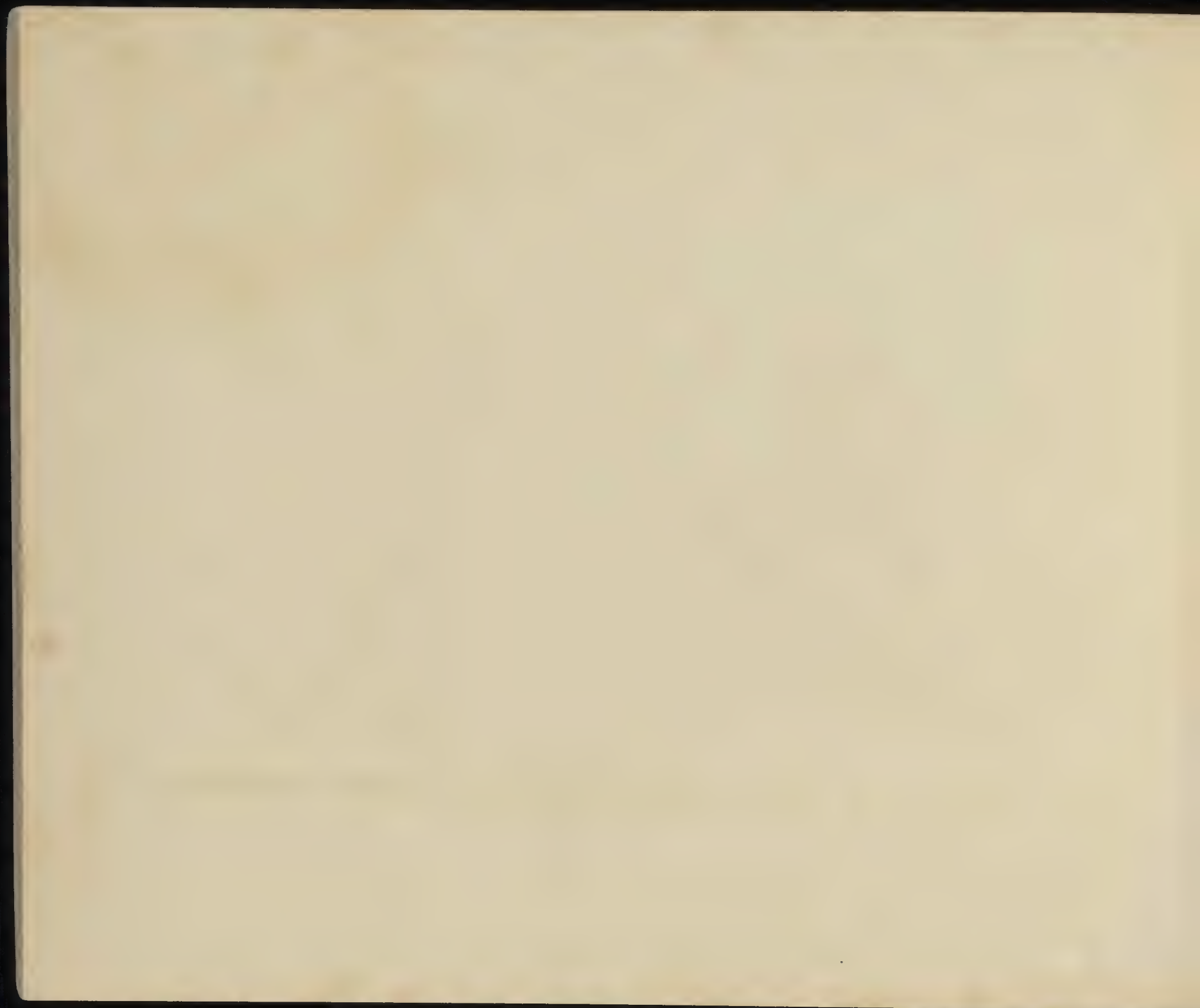
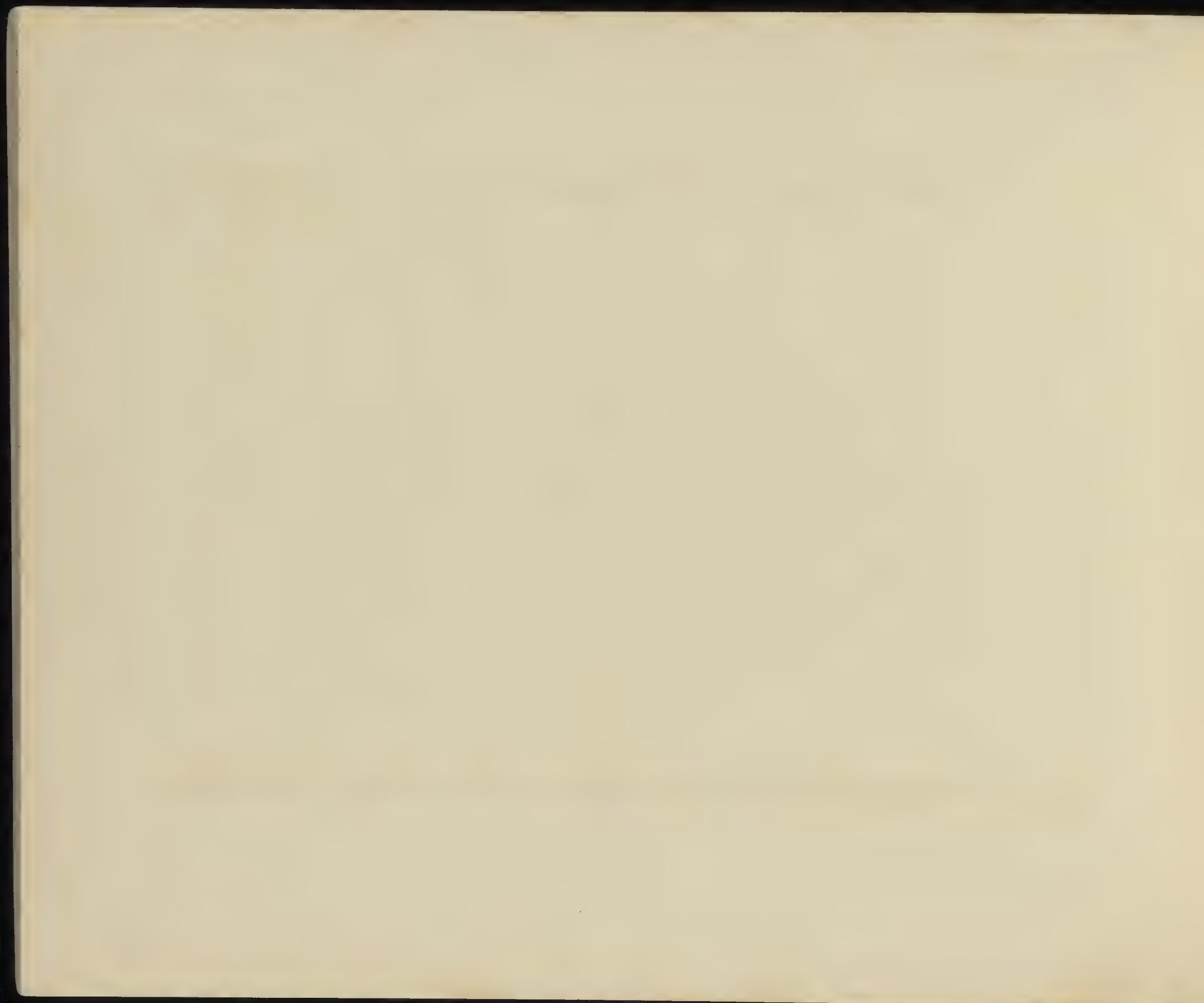
O interior de Novo Redondo é muito abundante de cereaes, especialmente milho, feijão e farinha de mandioca, que exporta em grande quantidade para os diversos pontos da costa. É considerado, e com rasão, o celleiro da provincia de Angola, que abastece durante todo o anno.

Os povos d'esta região dedicam-se particularmente á agricultura e á creação de gados, que vão vender a Novo Redondo: acham-se divididos em duas tribus, diversas nos usos e costumes, posto que de um modo pouco notavel. Essas duas tribus são os *mussumbes* ao norte e os *mucelles* ao sul. Os individuos d'esta ultima tribu são mais trataveis e obsequiadores, especialmente quando são bem tratados pelos europeus, a quem respeitam em todo o caso.

O typo dos individuos d'estas tribus nada offerece de notavel. Não se destaca de modo a provocar um estudo: é quasi o vulgar.

Os homens enfeitam-se e trajam com simplicidade. Alguns fios ou tranças de missangas ao pescoço, das quaes pendem uns objectos quaesquer que lhes servem de amulêto, e um panno em volta dos rins, eis o seu costume e trajo. As mulheres são mais exigentes e luxuosas: usam grande quantidade de collares de missangas ao pescoço e largas fitas da mesma em volta da cabeça, com as quaes formam uma especie de barrete, e usam tambem como enfeite uns busios brancos que furam e enfiam em cordeis para formar com elles uma especie de collar.

Os seus penteados são originalissimos, assim como o modo de os preparar. As mães começam, quando as filhas são ainda creanças, a puxar-lhe o cabello dos lados da nuca, formando assim duas tranças que vão puxando e apertando sempre com o auxilio do azeite de palma que lhe amacia o cabello, desfazendo um pouco a carapinha, e lhe dá ao mesmo tempo uma certa consistencia. Este trabalho, repetido durante muitos annos, dá o resultado que se vê na photographia.

Algumas tambem usam uma argola pendurada do nariz, para o que o furam ao centro, ficando a argola pendente sobre o labio superior. Este costume é mais vulgar nas mussumbes do que nas mucelles. Um panno de algodão ordinario em volta dos rins completa o seu vestuario.

TYPO DO CELLES (HOMEM)

TYPO DO CELLES (MULHER)

BIMBAS, BARCOS DE PESCADORES

Os indigenas do districto de Benguella, que habitam proximo do mar ou dos rios, dedicam-se á pesca, e usam para esse effeito uns barcos de construcção singela feitos de troncos de arvores muito leves, unidos e ligados entre si por fibras ou filamentos vegetaes.

A estes barcos dão os indigenas o nome de *bimbas*, nome derivado da madeira de que são construidos, a qual é mais leve que a cortiça e vegeta nas margens dos rios e das lagoas.

Cortada a madeira, são ligadas as differentes partes, sem apparelho algum preliminar, umas ás outras com *liconde,* fibra de embondeiro, dando-lhe pouco mais ou menos a fórma e aspecto que nitidamente se vê na photographia. Os paus de madeira mais grossos são postos no fundo, de modo que esta especie de canastra, comprida e fluctuante, mergulha apenas parte do fundo. Quando tem de servir para o transporte de europeus ou de cargas, atravessam no fundo alguns paus aonde se apoiam as cargas para evitar que ellas se molhem, visto que as partes mal unidas das *bimbas* deixam entrar a agua, que circula no fundo livremente, e que serve ao mesmo tempo para lhes dar mais estabilidade. É o lastro d'este primitivo batel.

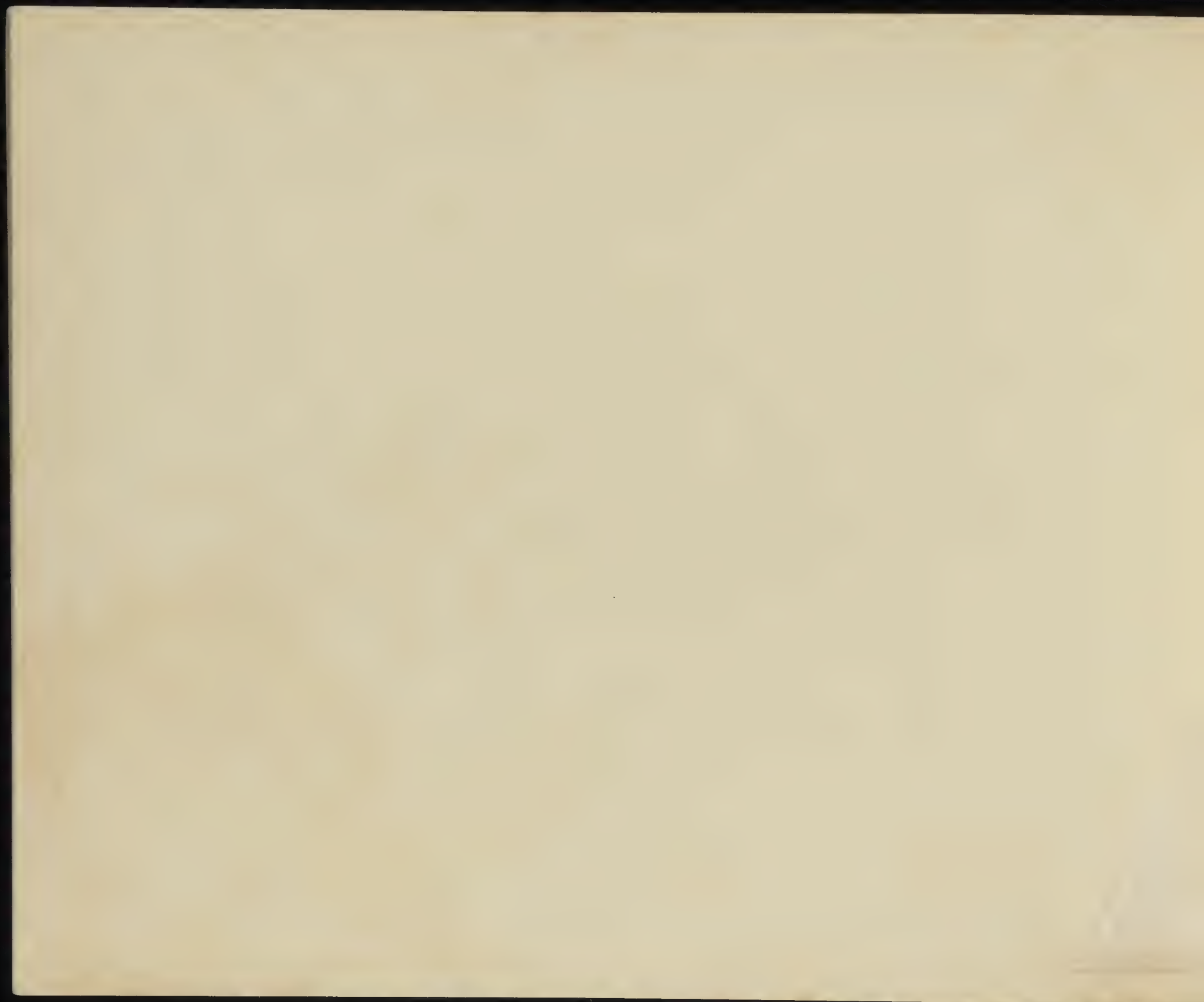
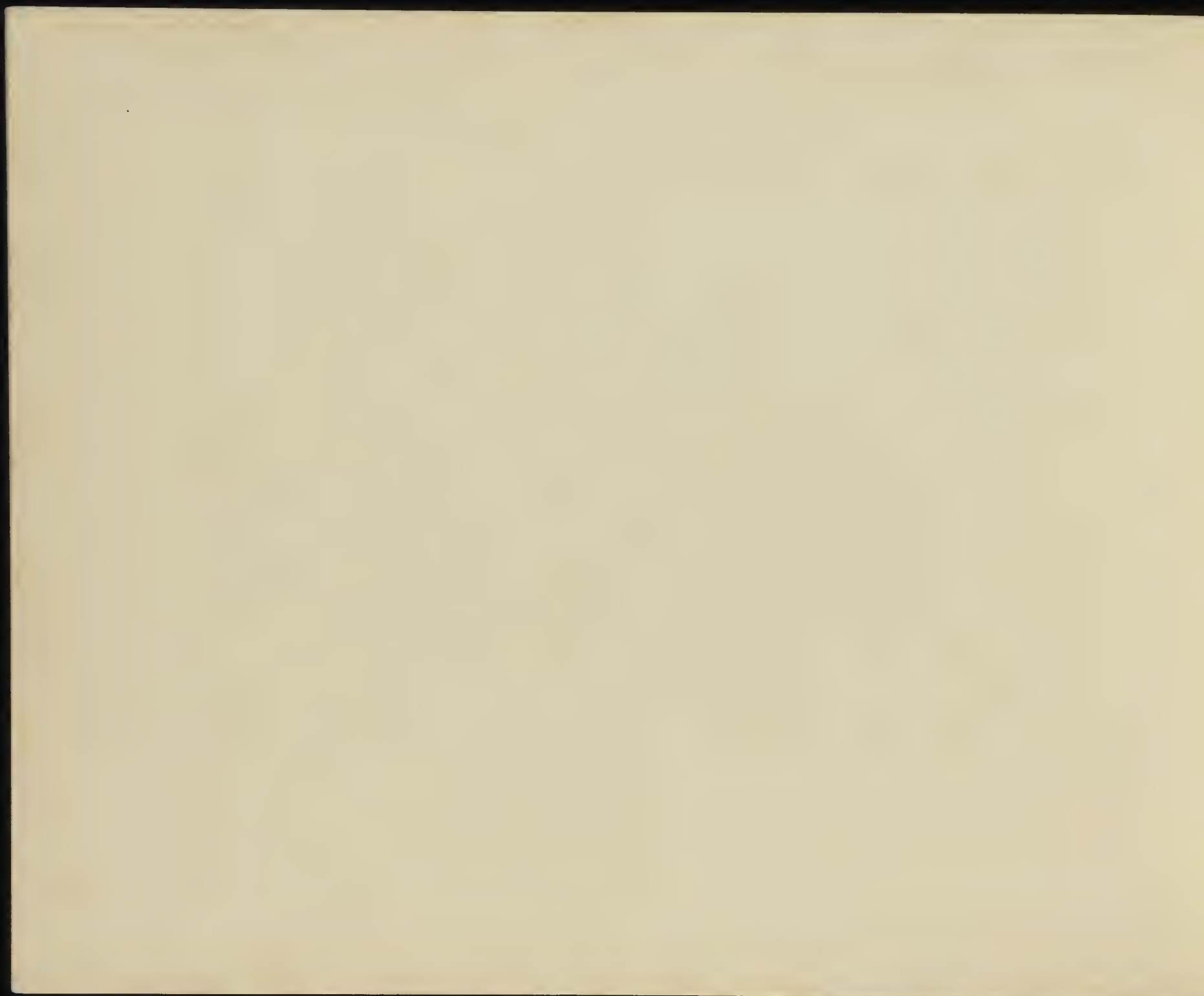
A extrema leveza d'estas pequenas embarcações permitte-lhes galgar impunemente as ondas, sem receio de virar: são como boias fluctuantes que prestam admiraveis serviços. Servem com van-

tagem nas occasiões de grandes calemas e quando outras embarcações só podem chegar á praia com grande risco e difficuldade.

A bimba, quando está proximo de terra, é levada na crista de uma vaga que a vae depositar na areia. Immediatamente os pretos, que a esperam na praia, agarram-n'a de modo que a onda, ao recuar, não a arraste de novo comsigo.

É facil de governar: um preto á ré, munido de duas pás, dá-lhe movimento e direcção.

As bimbas variam um pouco na fórma, a qual está subordinada mais ou menos ao seu emprego usual.

UMA BIMBA

HIMBAS DE PESCADORES

EQUIMINA

A costa que segue do Cuio, pequena bahia no valle do Dombe e um pouco ao sul da foz do rio Capororo, é formada por pequenas praias de areia intercaladas com montanhas cortadas abruptamente sobre o mar.

N'uma d'essas praias mais recolhidas e abrigadas proximo á bahia dos Elephantes, bahia quasi fechada e onde podiam fundear milhares de navios, se tivessem cuidado da sua conservação ou aproveitado as suas boas condições, foi fundada uma propriedade agricola denominada Equimina, utilisando-se para a plantação da canna a estreita planicie que se estende para o interior, entre montanhas em fórma de funil, no fundo das quaes ha o leito de um rio que só conserva agua no tempo das chuvas, sendo durante as seccas a agua para as regas tirada de poços pouco profundos com o auxilio de cegonhas.

Os terrenos, de grande fertilidade, produzem admiravelmente hortaliças e legumes, e bem assim grande quantidade de fructos da Europa.

Os navios baleeiros e muitos cruzadores de diversas nacionalidades ali vão fazer aguada.

UM ACAMPAMENTO

As viagens no interior fazem-se algumas vezes a pé, mas quasi sempre de tipoia (rede suspensa de um bordão; que os pretos carregam ao hombro. O europeu que tem negocios a tratar ou necessidade de chegar com brevidade a um ponto determinado, contrata um certo numero de carregadores habituados a esse mister, quc elles consideram mais nobre e rendoso que o de conduzir cargas.

Terminado o ajuste e distribuidas as rações para uns tantos dias, põem-se a caminho.

Nos logares distantes dos povoados, onde é costume e se torna preciso acampar, ha sempre umas cubatas toscamente construidas, que servem de abrigo ao viajante.

A primeira cousa que os pretos fazem ao acampar, quer seja de dia quer de noute, é accender uma fogueira á roda da qual se sentam para cozinhar o seu *infundi* (massa de farinha fina da mandioca ou milho) ou *pirão* (massa de farinha mais grossa), espigas de milho, genguba, etc.

O carregador em viagem alimenta-se parcamente; qualquer cousa lhe serve, quando a ração lhe foi dada em dinheiro ou fazendas para comprar a alimentação; se, todavia, a ração foi dada em comida, torna-se exigente e insupportavel. Tudo acha mau e pouco, e a cada passo pretexta um descanço para prolongar mais a viagem. O melhor meio para os fazer andar com rapidez é dar-lhe pouco de comer e prometter-lhes uma gratificação ou gorgeta, que elles muito apreciam.

EQUIMINA

UM ACAMPAMENTO